

## Da correspondência de verbos em dental com nomes em sibilante

OSCARINO DA SILVA IVO

A grafia considerada correta de certos tipos de palavras em português acarreta algumas dificuldades que muitas pessoas menos avisadas consideram perturbadoras principalmente para os que se iniciam na arte de escrever, ou que não puderam receber uma carga maior de informações. Por essa razão, vemos que muitos se insurgem contra as nossas regras ortográficas e propugnam por uma simplificação cada vez maior da nossa escrita. Uma dessas chamadas dificuldades é a diferença de grafia do som *sê*, ora com /s/, ora com /ss/, ora com /c/, ora com /ç/, ora com /x/.

Consideramos, todavia, que se há alguma dificuldade para os que se iniciam no aprendizado da escrita em automatizar a grafia tomada como correta de certos grupos de palavras, por outro lado essa mesma grafia, uma vez fixada, passa a ser uma fonte constante de informação para o leitor. Tal se dá porque a escrita deve ser por excelência fonêmica. Se se dá à nossa escrita uma representação que busque ser ao mesmo tempo etimológica e fonética, os nossos símbolos gráficos devem procurar manter, por convenção, relações fonológicas tais que uma simples visualização da palavra possa evidenciá-las. Se podemos ligar às palavras *cito*, *amīcu*,<sup>1</sup> *amīca*, *amicitāte* (por *amicitia*), *facēre* (por *facere*) as nossas palavras *cedo*, *amigo*, *amiga*, *amizade*, *fazer*, temos que os sinais gráficos /c/, /g/, /z/ representam, na língua portuguesa, o fonema latino /c/

1. Quando a penúltima sílaba da palavra latina for destravada, sua vogal longa será marcada. Será grafada com /v/ a soante latina /u/.

em situação bem definida, no caso dos vocábulos citados: no início de palavra, seguido de /e/ ou /i/; entre vogais e seguido ou de /a/, /o/, /u/, ou de /e/, /i/. O português *amicíssimo* é a transliteração de *amicissimu* e não poderia ter outra grafia. Reduzir a grafia de todas as palavras com um mesmo som a um símbolo gráfico único seria descaracterizá-las etimologicamente.

Ensinar nas escolas uma ortografia fonêmica ou uma ortografia simplificada, de caráter fonético, tem os mesmos problemas e as mesmas dificuldades. Supomos, mesmo, que pretender escrever como se fala é muito mais perturbador, de vez que cada falante se sentiria no direito de tentar sua própria representação gráfica, a menos que os "renovadores" impusessem regras que não pudessem ser violadas. E desprezado o critério fonético-etimológico, qualquer outra regra ortográfica será, a nosso ver, forçosamente arbitrária.

Ao ingressar na escola, o aluno, de certo modo, penetra um mundo novo. As noções de História, de Geografia, de Ciências, de Matemática constituem novidades nunca sonhadas. E a língua escrita que ele vai aprender, e de modo sistemático, é vista como uma língua nova, diferente da sua, capaz de levá-lo a esse novo mundo encantado. A criança tem, realmente, uma carga imensurável de disposição para aprender, para descobrir coisas novas. O dever da escola é saber aproveitar esse manancial de energias.

A escola é, pois, por essência, modificadora de situações e a expectativa é sempre de melhora, de elevação. Entendemos que democratização da escola não pode ser, de modo algum, desfiguração de ensino, mas elevação de todos a um grau mais alto do conhecimento.

O ensino da língua materna não pode consistir na repetição dos fatos da língua oral que a criança já possui. Ele deve atingir o nível de uma verdadeira língua nova, padrão, capaz de permitir ao que tenha freqüentado uma escola não só usar um padrão de língua oral condizente com a do grupo social que possa vir a freqüentar, mas também ler qualquer autor de sua época ou de épocas anteriores. Com isso, não se pretende que a escola forme especialistas de linguagem erudita, mas que dê aos que a freqüentem condições razoáveis de domínio dos vários níveis de linguagem, quer no campo da língua oral, quer no da língua escrita.

Causou-me a maior satisfação ouvir a palestra da Prof<sup>a</sup> Ângela Vaz Leão sobre o ensino da gramática nas escolas, feita na FALE da UFMG em outubro de 1982. A professora, que é indiscutivelmente uma das maiores autoridades em língua portuguesa, afirmou, com a segurança que lhe é própria, que o ensino da língua materna nas escolas não é outra coisa senão um ato de dar ao falante nativo uma nova língua, como se fosse uma língua estrangeira. Eis uma afirmação que todos os nossos professores de português deviam levar em conta. É evidente que o método de ensino não pode ser o mesmo das línguas estrangeiras, mas é indiscutível que o nativo que passa pela escola e recebe um ensino adequado da língua é de fato um falante bilingüe: será capaz de usar o dialeto coloquial que lhe aprouver, mas também de falar ou de escrever no mais puro dialeto culto, pois a escola tem a obrigação de aumentar a sua competência lingüística. Que dizer, então, daquele que a escola está formando para ser um professor de sua própria língua? Os métodos podem e devem ser discutidos, mas o objetivo do ensino da língua materna na escola deve ser o de formar um falante verdadeiramente bilingüe no sentido de que seja capaz de expressar-se na linguagem coloquial, livre e espontânea, mas também de manifestar-se oralmente e, principalmente, por escrito, de forma elegante e escorreita.

A afirmação de muitos de que o maior volume da comunicação se faz por via oral não é também argumento válido para se relegar a segundo plano a comunicação escrita. Esta é uma espécie de matéria prima que se presta a ser trabalhada, examinada, discutida. Esse seu manuseio, esse seu exame, essa sua discussão permitem ao falante alcançar novos níveis de linguagem oral, porque esta passa a pautar-se, na medida das necessidades, por aquela. E quando falo em escrita, não estou pensando apenas em linguagem literária mas em qualquer linguagem escrita escoimada dos vícios naturais da linguagem oral. A escola não pode prescindir da leitura dos bons autores se quiser formar um bom professor de língua.

Devemo-nos lembrar também de que a língua oral é adquirida por contacto do indivíduo com os componentes do grupo a que pertence. Como os grupos sociais são culturalmente muito diversificados, só a escola é capaz de impor à comunidade uma língua

padrão que possa satisfazer a todos e manter a unidade lingüística da nacionalidade. E se a língua oral é por natureza mutável, é a língua escrita que vai ser capaz de conservar aquele padrão onde podemos buscar os modelos de uma língua oral mais bem cuidada. A língua escrita tem a vantagem de evoluir mais lentamente e de registrar o caráter fugaz de tantos modismos que a língua oral supõe uma obra acabada da criação popular.

Feitas essas considerações, tratemos do problema proposto no título: nomes em sibilante correspondentes a verbos em dental. Tal correspondência remonta aos primórdios da língua latina e resulta da evolução do sufixo nominal *-t-*.

Escrever as palavras corretamente seria tarefa bem mais fácil se nas nossas escolas fosse criado, desde os primeiros anos, entre os alunos, o hábito da consulta ao dicionário. Lamentavelmente é o que não acontece. Por outro lado, seria produtivo, se se pretende grafar corretamente as palavras, pelo menos chamar a atenção dos alunos para o parentesco existente entre elas, parentesco esse expresso, muitas vezes, na nossa ortografia, pelos fonemas. Em certa aula de latim, buscando alguns representantes portugueses do radical do verbo latino *secāre*, grande parte dos meus alunos não foi capaz de ver qualquer relação de sentido entre as palavras portuguesas *segar*, *secante*, *secção*. Isto é o resultado da falta de um ensino mais objetivo.

O medo e a insegurança que se têm apossado ultimamente de alguns professores de português de dar ao aluno explicações históricas dos fenômenos da linguagem têm deixado que se percam ótimas oportunidades de se transmitir a ele uma informação que lhe poderia ser útil.

Mais de uma vez já me perguntaram os alunos a razão de a palavra *canção* ser escrita com /ç/ e *emissão* com /ss/, já que os verbos *cantar* e *emitir* são escritos com /t/. Isto prova que um professor de língua portuguesa deve saber algo mais do que lhe é ensinado atualmente; que o uso quotidiano da língua basta a um falante comum, não àquele que tem a missão de ensinar a língua materna. Uma simples noção de lingüística diacrônica indicaria que em *canção*, conquanto o português não possa ver o vocábulo como derivado, aparece um sufixo secundário *-t-* formador de verbos

frequêntativos e de nomes, muito comum no estágio latino da língua, onde o verbo *cano* é que apresenta a idéia de *cantar*, como muito bem indica o adjetivo português *canoro*. O verbo latino *cantāre*, do qual provém o português *cantar*, possui, pois, um sufixo formador de verbo frequêntativo, portanto de palavra nova. Esse mesmo sufixo, com a adjunção de novos sufixos, vai formar o sufixo *-tion-*, próprio de nomes de ação. *Canção* não se origina, pois de *cantar*, mas do radical *can-* mais o sufixo *-tio*: *cantio(n)*, e nos chega pelo acusativo desnasalado, *cantiōne*. O verbo *mitto*, ao contrário, traz no seu radical primário uma dental, responsável pela evolução de todos os seus derivados. A correspondência no latim e, conseqüentemente, no português de uma dental (/d/, /t/) do radical verbal com uma sibilante (/s/, /ss/) dos nomes derivados só se dá quando a dental pertence a um radical verbal primário, quer como parte da raiz, quer como seu alargamento, quer como formação denominativa. Se a dental for fruto de uma derivação, tal correspondência não se dá. Na verdade, os verbos latinos de radical primário em dental são em número muito reduzido e vamos estudá-los neste artigo, apresentando seus derivados verbais e nominais latinos e os correspondentes nominais portugueses, com um ou poucos vocábulos em dental como termo de comparação.

Sabemos que a civilização primitiva romana é uma civilização que se baseia no campo; que a língua primitiva latina é a língua do campo; que o cidadão primitivo é ao mesmo tempo soldado e colono. Evoluindo num ambiente assim fechado, é natural que a língua urbana e, conseqüentemente, a língua literária, incorporem ao seu vocabulário um número muito grande de palavras do campo, no seu sentido primitivo ou evoluído semanticamente de acordo com as correlações de situações. É muito mais natural que o vocabulário latino não seja tão diversificado e que o processo de derivação seja tão produtivo. Um mesmo radical pode fornecer um número imenso de derivados ou um mesmo sufixo sofrer uma série de alargamentos. O sufixo *-c-*, por exemplo, raro no seu estado primitivo, é responsável por várias formas de vocalismo longo ou breve ou vindo ainda em combinação com outros sufixos: *-co-*, *-īco-*, *-īcio-*, *-tīco-*, *atīco-*, *-īc-*, *-īco-*, *-āco-*, *-āco-*, *-ūco-*, etc: *iuuencus*, *bellīcus*, *patricius*, *rustīcus*, *aquatīcus*, *matrīx* (*matrīc-s*), *puđīcus*, *capax* (*capāc-s*), *opācus*, *Atlantiūcus*, *cadūcus*.

É o sufixo indo-europeu *-t-* que agora nos interessa. É responsável por uma série de outros sufixos que se ligam a radicais verbais para formar verbos frequentativos e nomes de ação e de agente. Se o radical verbal já possui uma dental, ele responde pelos derivados em /s/ e /ss/.

Sufixo *-ti-* (< *-t-ei-*). É um sufixo primitivo indo-europeu. Nesse estado, com o vocalismo longo ou com abreviação, vai formar um número não muito grande de nomes femininos do tipo *fors* (< *for-tī-s*), *gens* (< *gen-tī-s*), *sors* (< *sor-tī-s*), *sitis* (< *si-tī-s*). Os sufixos muito reduzidos, entretanto, tendem a alargar-se e o italo-céltico, por meio do sufixo *-en/on-*, desenvolve a forma *-ti-on-*, que se prende normalmente a temas verbais para formar nomes abstratos de ação: *cano/cantio*; *libāre/libatio*. Essa formação conserva um valor muito acentuado do verbo primitivo e deve ter passado por um estado em que era mais uma forma nominal do verbo do que um verdadeiro substantivo. O mesmo valor verbal está também presente na formação em *-ti-* dos advérbios em *-tim*. No seu estado primitivo ou com reduplicação, esse sufixo forma também verbos frequentativos: *cano/ canto, cantito*.

Sufixo *-t-u-* (< *-t-eu-*). É formador de nomes de tema em *-u-*, quarta declinação, também de ação, ligando-se a radicais verbais. Difere do nome em *-tion-* porque este é abstrato e transitivo, enquanto o nome em *-tu-*, que é uma expressão da realidade, liga-se a verbos intransitivos ou corresponde a um emprego absoluto de um verbo transitivo: *cantus, gustus*. Até mesmo na sintaxe a língua estabelece diferença entre as duas formações: o nome em *-tion-* constrói-se com genitivo objetivo, e o outro, em *-tu-*, com genitivo subjetivo. O emprego que o latim passa a fazer de um pelo outro deveu-se a fatores diversos, como por exemplo a impossibilidade de quase todos os nomes em *-tion-* entrarem na escansão dactílica. O sufixo *-tu-*, pois, numa segunda fase produtiva, não faz senão fornecer formas supletivas ao sufixo *-tion-*.

O supino em *-tum* é o nome em *-tu-*, em acusativo, incluído na conjugação verbal, o que fica bem caracterizado pelo seu complemento em acusativo. Como formas do supino, a língua usa também o dativo e o ablativo, este com valor passivo.

Sufixo *-tū-rus* (< *t-eu-so-s*). Forma o particípio do futuro ativo. Este é, inicialmente, um infinitivo neutro formado do tema do supino e de um verbo substantivo *esom*, que tem o seu equivalente no osco e no umbro. Lembrando que é uma mulher que fala, Meillet<sup>2</sup> cita a seguinte passagem de Plauto em *Truc.* 400: *bona sua habitūrum omnia*, onde *habitūrum* conserva a forma neutra. Posteriormente, por esquecimento etimológico, o verbo *esse* prende-se àquele infinitivo, numa construção perifrástica, acarretando sua concordância com o nome a que se refere. Um acusativo em *-tūrum*, *-tūram* / *-tūros*, *-tūras*, *-tūra*, sugere naturalmente um nominativo singular em *-tūrus*, *-a*, *-um*. E aí está o particípio do futuro ativo.

Sufixo *-tūra*. É também formador de nomes de ação como o 'ato de' ou ação resultante. É de caráter acentuadamente técnico. Difere semanticamente do particípio do futuro ativo. E Millet<sup>3</sup> afirma que o vocalismo radical dos nomes em *-tūra* é o mesmo vocalismo do sufixo *-to-* de particípio passado, e acrescenta que *stātūra* não se liga a *stātūrum* mas a *stātūs*; que *nātūra* provém de *nātūs*. Como explicar, porém, a vogal longa /ū/ dos nomes em *-tūra* e o próprio sufixo? Não estaríamos diante da substantivação do acusativo neutro plural, com valor específico decorrente do próprio sufixo em *-tu-*? Não seria, pois, uma formação semelhante ao que ocorreu com *opera*, *-ae*, nome que designa 'o trabalho' de modo abstrato, e que não é senão o neutro plural *opera* do substantivo concreto *opus*, *-eris*, empregado como feminino? Parece também haver uma certa relação semântica entre os sufixos *-tor* e *-tūra*. *Censūra* seria a dignidade de *ensor* ou o resultado da ação deste, ou seja, 'a censura', 'o juízo', 'a crítica'.

Sufixo *-tor*. É indo-europeu e indica o agente. Forma derivados de radicais verbais, mas também se liga a radicais nominais em formações como *ianitor*, *sarcinātor*, *senātor*. Possui uma forma de feminino em *-trix* que resulta do sufixo *-tor* com vocalismo de grau zero, *-tr-*, acrescido do sufixo *-ic-* e da desinência casual *-s*.

2. *Grammaire Comparée*, p. 363.

3. *Grammaire Comparée*, p. 363.

Sufixo *-to-*. Também de origem indo-européia, é formador de adjetivos derivados de radicais verbais. No latim, esses adjetivos não tardaram a ser incorporados à conjugação verbal na forma de particípio passado. Pode também ligar-se a radicais nominais para indicar que um ser é portador do que o radical nominal indica: *cornūtus*, *barbātus*. Quando derivados de radicais nominais, os adjetivos permanecem como tais.

O sufixo *-tum* do supino e o sufixo *-to-* do particípio passado ligam-se originariamente não a um tema, mas a um radical verbal. Depois que essas formações entram para a conjugação verbal é que tenderam a se ajustarem ao conjunto do verbo. Os verbos em consoante, porém, conservam não só estes dois mas todos os sufixos vistos acima ligados ao radical, sem vogal temática, e muitos verbos, como *secāre*, *sedēre*, *pendēre*, perdem a vogal temática, embora longa, diante desses sufixos.

È nessas derivações em que o sufixo se liga a um radical em consoante que as mutações fonéticas se tornam mais constantes. *Ago*, com vogal radical breve, tem a forma *āctum* de supino, com /a/ longo em conseqüência da compensação havida pela passagem da sonora /g/ à surda /c/. *Scrībo* tem o supino na forma *scriptum* por passagem de /b/ a /p/ por ensurdecimento. E entre essas alterações fonéticas está a que nos interessa agora: a mudança da dental em sibilante.

A alteração é antiga. Ainda nos primórdios da formação da língua latina, quando um radical em dental (/d/ ou /t/) recebia um sufixo qualquer iniciado pela dental /t/, desenvolvia-se entre a dental do radical e a do sufixo um fonema sibilante de transição. Assim, os grupos /dd/ e /tt/, da formação que estamos vendo, evoluíam para /dst/ e /tst/. Em tal posição, a sibilante atua sobre as dentais e provoca sua assibilação com conseqüente assimilação bilateral. O supino de *sedeo*, radical *sed-*, teve, então, a seguinte evolução, desprezados alguns elos da cadeia: *\*sed-tu-m* > *\*sed-s-tu-m* > *sessum*. O grupo /ss/ resultante da assimilação conserva-se geminado, se precedido de vogal breve. Reduz-se a /s/ simples, se precedido de consoante, ditongo ou vogal longa. Deve ser registrado,



todavia, que pelo menos ortograficamente a geminada se conserva até o começo da época imperial. O testemunho é de Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 7, 20.

Nos verbos, todos os radicais em dental, ao receberem os sufixos formadores dos nomes de ação, do supino, do particípio passado e do particípio do futuro ativo sofrem as alterações fonéticas acima indicadas, resultando daí um sistema em dental diretamente ligado ao radical primário e outro sistema em sibilante, resultante do encontro das dentais. O português conserva os dois sistemas: *emitir, emitente / emissor, emissão*.

Distribuímos os verbos em dental aqui estudados em dois grupos. No primeiro estarão os verbos que conservam a dental no tema do presente, como no português *remeter / remessa*. No segundo, os verbos que tiveram a dental do tema do presente assimilada a uma consoante anterior, como no português *impelir / impulsão*. No latim, *impello* < \**impeldo*; *impulsio* < \**impeldstio*. O /l/ que trava a sílaba, normalmente faz com que a vogal breve anterior evolua para /u/.

Como no português aparecem outros verbos que não trazem dental no presente mas têm nomes correspondentes em /s/, /ss/, julgamos conveniente acrescentar um terceiro grupo. São verbos que de um modo geral formam o supino e os demais nomes de sufixo iniciado por /t/ por analogia com o seu perfeito em -*si* (perfeito sigmático). Tais verbos fogem ao que foi proposto, mas têm, no português, de certo modo, características semelhantes: *imersir / imersão*.

Em cada grupo será estudado o verbo latino principal com a devida referência aos verbos derivados por prefixação e aos vocábulos formados por derivação com a evolução da dental para sibilante /s, ss/. Em seguida serão acrescentados os correspondentes portugueses em sibilante. A indicação de verbos ou nomes com radical em dental serve apenas como termo de comparação. Não se leva em conta se o vocábulo português veio diretamente do latim ou se por intermédio de outras línguas. Pretende-se mostrar aqui a relação etimológica com o radical primário latino.

O primeiro grupo é formado pelos verbos em que o radical do tema do presente latino apresenta uma dental.

1. ARDEO, -ĒRE, ARSI, ARSUM (ASSUM). Tem o sentido de 'arder', 'queimar-se'. Prende-se ao substantivo *ardor*, 'calor ardente', 'ardor', que por sua vez corresponde ao adjetivo *ardus* (*ardus*), de *areo, -ēre*, 'estar seco'. Ao radical *ard-* prende-se o supino *ard-tu-m*, que passa a *\*ardstum* > *arsum* > *\*assum*.

Os derivados latinos por prefixação são poucos: *exardeo*, *exarDESCO*, *inardesco*. Também são em número reduzido os derivados por sufixação em sibilante: *arsūra, -ae*; *arsus, -a, -um*; *arsibilis, -e*. Ao lado do particípio passado *arsus*, desenvolve-se uma forma de adjetivo em *-to-*, com o sentido especializado de 'assado', *assus*, em que o distanciamento semântico levou a uma maior evolução fonética com a assimilação do /r/ ao /s/. Daí, os verbos *asso* e *subasso* e nomes como *assātor*, *assatūra*.

No português, o verbo *ardēre* tem o seu correspondente em dental, *arder*. Nos vocábulos em sibilante, o /r/ normalmente assimila-se ao /s/: *assar*, *assadeira*, *assado*, *assadura*.

2. AUDEO, -ĒRE, AUSUS SUM. É verbo denominativo de *avidus*, com o sentido primitivo de 'estar desejoso de', 'querer', sentido esse ainda encontrado em muitas passagens. Passou ao sentido usual e clássico de 'ousar', 'ter a audácia de'. Na baixa latinidade cedeu o seu lugar ao freqüentativo *ausāre*, donde o português *ousar*.

Não são documentados derivados latinos por prefixação e não são muitos os derivados por sufixação em sibilante: *auso, -āre*; *ausus, -a, -um*; *ausus, -us*; *ausum, -i*.

O verbo *audēre* não passou ao português e os nomes que contém o seu radical possuem um traço erudito, como a conservação do ditongo. Pode servir de termo de comparação o nome *audácia*.

Com o radical em /s/ o português possui: *ousar*, *ousadia*, *ousado*, *ousio*.

3. CADO, -ERE, CECIDI, CĀSUM. Tem sua origem na raiz indo-européia *\*Kad-*, com idéia de 'cair'. O supino *cāsum* provém de *cadtum*, com surgimento da sibilante /s/ entre as dentais: *\*cadstum*. O alongamento da vogal radical /a/ é compensatório e deve-se ao ensurdecimento da dental /d/ assimilada pela sibilante /s/. As línguas românicas conservam os radicais em /d/ e em

/s/. Nas formações por prefixo antigas, a vogal radical breve do presente evolui para /i/: *accidere*, *occidere*. Palavras como *decadente* têm formação muito mais recente.

O latim conheceu vários derivados por prefixação: *accido*, *con-*, *de-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *succido*, *superincido*.

Todos os derivados formados do tema do supino têm o /a/ longo: *casso*, *-āre* (< \**cad-s-to*), verbo freqüentativo com o sentido de 'vacilar'; *casuālis*, *-e*; *casus*, *-us*; *occasio*, *-ōnis*, etc.

Convém observar a existência no latim do adjetivo *cassus*, *-a*, *-um*, com o sentido de 'vazio', 'nulo', da raiz latina \**Cas-*, 'desprovido de', a mesma que está em *careo* e em *castus*. Não se trata, pois, de um adjetivo em *-to-* ligado ao verbo *cado*, mas de um nome portador de uma geminação expressiva. Dá origem, bem mais tradiadamente, aos advérbios *casse* e *casso* e ao verbo *casso*, *-āre*, no sentido de 'tornar vão', 'privar de'. A esse grupo é que devem prender-se o adjetivo português *casso* e o verbo *cassar*.

O verbo *cadere* evolui para *caer*, português arcaico, hoje *cair*, perdendo, pois, sua dental, mas nomes como *decadente* e *acidental* servem como termo de comparação com o radical em sibilante que apresenta as seguintes palavras: *acaso*, *caso*, *casual*, *casualidade*, *casualismo*, *casualista*, *casuísmo*, *casuísta*, *casuística*, *casuístico*, *descaso*, *ocasião*, *ocasionado*, *ocasionador*, *ocasional*, *ocasionalismo*, *ocasionalista*, *ocasionar*, *ocasionável*, *ocaso*.

4. CAEDO, -ERE, CECIDI, CAESUM. É termo da linguagem agrícola, com idéia de 'cortar as árvores', 'derrubar cortando'. Emprega-se na linguagem militar e religiosa com a idéia de 'ferir de morte', 'matar'. É também termo da linguagem gramatical: 'oratio concisa', 'linguagem concisa'. A raiz não deve ser indo-européia porque não tem correspondente nas outras línguas, mas a palavra deve ser muito antiga, pela presença do ditongo e principalmente pela formação de perfeito em redobro. O supino *caesum* provém de \**caed-s-tu-m*, em que o /s/ assibila e assimila bilateralmente as consoantes. Na formação por prefixo, o ditongo /ae/ reduz-se a /i/ longo, por apofonia, por força do primitivo acento de intensidade inicial latino.

São verbos latinos derivados por prefixação: *abscīdo*, *ac-*, *circum-*, *circumin-*, *con-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *per-*, *prae-*, *re-*, *suc-*, *superin-*, *transcīdo*.

É grande o número de derivados latinos por sufixação com o radical em sibilante: *caesālis,-e*; *caesor,-ōris*; *caesūra,-ae*; *decisio,-ōnis*; *incīsum,-i*, etc.

O verbo primitivo *caedere* não passa ao português. Seus derivados por prefixação, mantendo a vogal radical /i/, ora incorporam-se à conjugação portuguesa em /a/, ora em /i/. Podem servir de termo de comparação com o radical em sibilante: *circuncidar*, *decidir*.

São palavras portuguesas em sibilante que pertencem ao grupo: *abscisão*, *César*, *cesáreo*, *cesariana*, *cesura*, *cesurar*, *circunciso*, *circuncisão*, *conciso*, *concisão*, *decisão*, *decisivo*, *decisório*, *excisão*, *excisar*, *incisão*, *incisar*, *incisivo*, *inciso*, *incisor*, *incisório*, *incisura*, *incircunciso*, *incircuncisão*, *interciso*, *ocisão* (arc.), *ocisivo* (desus.) *precisão*, *precisar*, *preciso*.

5. -CANDO, -ERE. O radical *cand-*, com idéia de 'calor', forma dois verbos diferentes: *candeo*, *-ēre*, *candui*, sem supino, que indica o estado, isto é, 'estar inflamado', 'queimar-se' e o verbo *-cando*, *-ere*, que indica a ação, 'fazer queimar', 'inflamar'. Este segundo verbo só é encontrado nos derivados por prefixação e nestes é que aparece o supino *-cansum*, proveniente de *\*cand-s-tu-m*. Na derivação, a vogal /a/ breve evolui para /e/, não chegando ao timbre /i/ por estar em sílaba travada.

O latim, como derivados por prefixação de *-cando*, possui apenas *accendo*, *incendo* e *succendo*, mas esses verbos fornecem vários derivados por sufixação em sibilante: *accensus*, *accensor*, *incensāre*, etc.

O português possui alguns verbos e nomes em dental: *acender*, *candeia*. Não são muitos, também, os vocábulos em sibilante: *acensão* (p. usado), *acenso*, *aceso*, *incenso*, *incensar*, *incensação*, *incensadela*, *incensador*, *incensório*.

6. CEDO, -ERE, CESSI, CESSUM. Verbo de etimologia possivelmente latina, com idéia inicial de 'ir, andar, caminhar'. A idéia de 'caminhar' junta-se a de 'retirar-se' e, com dativo, a idéia de 'ceder o lugar a', 'ceder', 'fazer concessão a'. O radical em /s/, como já vimos, tem sua origem na assibilação das dentais: *\*ced-s-tu-m* > *cessum*.

O verbo *cedere* forma vários derivados por prefixação: *abscēdo*, *ac-*, *ante-*, *con-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *retro-*, *se-*, *suc-*, *supercēdo*. Corresponde a ele o frequentativo *cessāre*, do qual a época clássica usa apenas os derivados por prefixação *concesso*, *-āre* e *incesso*, *-ēre*.

São muitos os derivados por sufixação em sibilante: *cessio*, *ōnis*, *concessus*, *-us*; *decessor*, *-ōris*, etc.

O verbo *cedere* vem ao português na forma *ceder* e possui na língua vários derivados por prefixação. Ao lado desse radical em dental, o português conservou inúmeros vocábulos com o radical em sibilante: *abscesso*, *acessão*, *acessibilidade*, *acessional*, *acessível*, *acessivo*, *acesso*, *acessório*, *acessorista*, *acessual*, *antecessor*, *cessação*, *cessamento*, *cessante*, *cessão*, *cessar*, *cessibilidade*, *cessível*, *cessionário*, *concessão*, *cessionário*, *concessível*, *concessivo*, *concessor*, *concessório*, *decesso*, *decessor* (arc.), *excessivo*, *excesso*, *inacessibilidade*, *inacessível*, *inacesso*, *incessante*, *incessibilidade*, *incessível*, *intercessão*, *intercessor*, *precessão*, *predecessor*, *processador*, *processamento*, *processante*, *processão*, *processar*, *processável*, *processional*, *processo*, *processologia*, *processual*, *procissão*, *recessão*, *recessividade*, *recessivo*, *recesso*, *secessão*, *secesso* (desus.), *sucessão*, *sucessível*, *sucessivo*, *sucesso*, *sucessor*, *sucessorial*, *sucessório*.

Cabe aqui uma observação. *Necesse*, *necessum*, *necessus* são formas empregadas com o verbo *esse* para formar locuções que indicam necessidade insuperável, da qual não se pode fugir. A forma mais usual e clássica por excelência é *necesse*. Etimologicamente, tem-se ligado *necesse* à partícula *ne* mais o substantivo *\*cessis*, derivado do verbo *cedo*, como vêem os gramáticos antigos. O conjunto *necesseset* teria induzido ao corte *necesse est*. Nestas condições, o nosso termo *necessário* e demais termos do mesmo radical estariam ligados ao radical de *cedere*.

7. CLAUDO, -ERE, CLAUSI, CLAUSUM ou *Cludo*, *-ere*, *clusi*, *clusum*. Provém da raiz indo-européia *\*Klew-*, com alargamento em dental. Encerra a idéia de 'fechar'. É a mesma raiz de *clavis*, 'chave'. A forma *cludo* é refeita a partir dos derivados por prefixação, de vez que o ditongo /au/ em muitos casos evoluiu para /u/ longo.

Nos textos clássicos encontram-se os seguintes derivados por prefixação: *acclūdo*, *circum-*, *con-*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *seclūdo*. Nos derivados em sibilante do verbo primitivo permanece o ditongo. Nos portadores de prefixo a vogal é /u/: *clausum*, *clausūra*, *conclusio*, *exclūsor*, etc.

O verbo primitivo *claudere* (*cludere*) não passou ao português e seus derivados por prefixação perderam a dental e passaram para o tema em /i/ português, como *concluir*, *excluir*, *incluir*. Todavia, há nomes que apresentam a dental e que correspondem a esse grupo de verbos, como *concludente*, *excludente*. O próprio verbo *eclođir*, formado quase com certeza a partir de *eclosão* (do fr. *éclosion*), por analogia com *explosão* / *explodir*, *erosão* / *erodir*, mostra a presença do sistema dental / sibilante.

São palavras com o radical em sibilante no português: *cláusula*, *clausular*, *clausura*, *clausurar*, *enclausurar*, *conclusão*, *conclusionista*, *conclusiva*, *concluso*, *eclosão*, *eclusa*, *esclusa*, *exclusão*, *exclusiva*, *exclusive*, *exclusividade*, *exclusivismo*, *exclusivista*, *exclusivo*, *excluso*, *inclusa* (desus.), *inclusão*, *inclusive*, *inclusivo*, *incluso*, *oclusão*, *oclusiva*, *oclusivo*, *ocluso*, *oclusor*, *percluso*, *preclusão*, *preclusivo*, *reclusão*, *recluso*.

8. CONDO, -ERE, CONDIDI, CONDITUM. Encerra idéia de 'pôr em conjunto', 'reunir'. Pertence à raiz indo-européia \*DHe-, com idéia de 'pôr', que só aparece em verbos derivados por prefixação. Esses derivados, contudo, sofrem tal interferência da raiz Dō/Dã-, com idéia de 'dar', que aparece no verbo *dãre* e em nomes como *dos*, *donum*, *dãtus*, que nem sempre se pode dizer se o derivado pertence a uma raiz ou à outra. De qualquer forma, a partir do verbo *condere*, o latim formou *abscondere*, empregado sistematicamente no lugar de *abdere*, e que é o único derivado do grupo que tem o supino em sibilante: *abscondo,-ere*, *abscondidi* ou *abscondi*, *absconditum* ou *absconsum*.

Assim, são poucos os derivados latinos em sibilante: *absconsus*, *absconsor*, *absconsio*.

Como não poderia deixar de ser, o verbo latino é escassamente representado no português. Em dental, o verbo *esconder* (arc. *asconder*) e em sibilante: *absconsa*, *absconso*, *esconsas* (na expressão às *esconsas*), *esconsidade*, *esconso*, *escuso*.

9. CUDO, -ERE, CUDI, CUSUM. Tem o sentido de 'bater', donde 'bater os grãos', 'bater os metais', 'forjar'. Seus derivados são tardios e raros.

O latim clássico empregou os derivados por prefixação: *accūdo*, *ex-*, *in-*, *procūdo*. E como são poucos os verbos, poucos são também os derivados em sibilante: *cusō*, *-āre*, *cusor*, *incūsus* e alguns mais.

A presença do radical em português é praticamente nula: *incude*, *incuso*.

10. DIVIDO, -ERE, DIVĪSI, DIVĪSVM. Contém a idéia de 'separar', 'dividir', 'repartir'. É formado do prefixo *dis* e do verbo *-vīdo*, verbo esse que não é atestado isoladamente. Deve provir da raiz \**Weid-*, com vocalismo de grau zero no presente e de grau longo no perfeito, *-vīdo* / *vīsi*. A quantidade longa do supino é analógica do perfeito. Este é sigmático e a sibilante assimila a dental: \**ueid-si* > *vīssi* > *vīsi*. A redução a um só /s/ deve-se à quantidade longa da vogal radical. A língua popular conhece o freqüentativo *divisāre*.

São atestados os seguintes derivados por prefixação: *per-*, *prae-*, *subdivido*.

Há formação normal de derivados em sibilante: *divisio*, *divisōr*, *divisūra*, etc.

No português o radical em dental tem o seu principal representante no verbo *dividir*. Pertencem ao radical em sibilante: *divisa*, *divisão*, *divisar*, *divisibilidade*, *divisional*, *divisionário*, *divisionismo*, *divisionista*, *divisível*, *diviso*, *divisor*, *divisória*, *divisório*, *indivisão*, *indivisibilidade*, *indivisível*, *indiviso*, *subdivisão*, *subdivisionário*, *subdivisível*.

11. EDO, ES (EDIS), ĒSSE (EDERE), ĒDI (EDIDI), ĒSUM. Encerra idéia de 'comer'. É verbo originariamente atemático, o que justifica as formas *ēs*, *ēst*, *ēsse*, pouco a pouco substituídas pelas formas temáticas *ēdis*, *ēdit*, *ēdere*. A quantidade longa das formas atemáticas estende-se ao supino e ao adjetivo em *-to-*: *ēsum*, *ēsus*. A irregularidade da conjugação e a presença de formas monossilábicas levam o verbo *edere* a sofrer a concorrência de verbos como *mandere* e, principalmente, *manducāre*. O seu derivado por prefixação, *comedere*, evoluindo para *comedere*, conserva-se

apenas no português e no espanhol, *comer*. Todavia, há uma pergunta a ser feita: o infinitivo usual de *comedo* seria *comedere* ou *comesse*? A admitir como usuais *comedo*, *comes*, *comesse*, não haveria um processo analógico do qual viesse a resultar *comedo*, *comes*, *comēre*, tal como o grupo *possum*, *potes*, *posse* passa a *possum*, *potes*, *potēre*? Para J. Corominas, *comedēre* daria, numa evolução normal, *conder*, com síncope da vogal breve da sílaba pretônica.

São derivados latinos por prefixação: *ambedo*, *com-*, *ex-*, *ob-*, *per-*, *subedo*.

Cada verbo forma alguns derivados em sibilante: *ambēsus*, *esor*, *obēsus*, etc.

O radical em dental perdeu os seus representantes em português. Mesmo ligando-se *comer* a *comedēre*, vê-se que a dental não subsistiu. A independência do tema português *come-* está evidente nos derivados *comida*, *comedor*. Ainda que se coloque *dens*, *dentis*, português *dente*, no campo do verbo *edo*, como seu participio com vocalismo radical zero, como querem alguns, por força da comparação com as formas gregas *ódōn*, *ódōntos* (no eólio *edōntes*), o português atual não comportaria tal aproximação.

O radical em sibilante seguiu praticamente o mesmo caminho: *esurino* (t. médico), *obeso*, *obesidade*.

12. FATEOR, -ĒRI, FASSUS SUM. O seu sentido mais antigo é o de 'confessar', geralmente com o sentido pejorativo de 'reconhecer a falta, o erro'. Passa a ser empregado também com o sentido de 'proclamar, indicar, mostrar'. Os antigos ligam-no ao verbo *fari*, 'falar'. Assim, é considerado derivado, como verbo de estado, do radical nominal \**fat-*, possivelmente o mesmo que está em *fatum*, 'a palavra divina', 'o destino'. A voz depoente indica o interesse que a pessoa que confessa tem no seu ato.

São poucos os derivados por prefixação: *confiteor*, *diffiteor*, *profiteor*. Também não são muitos os derivados em sibilante: *fessus*, *confessio*, *confessor*, *professor* e alguns outros.

A despeito do prestígio do verbo *confiteor* na língua eclesiástica, os verbos derivados freqüentativos *confessāre* e *professāre*, desenvolvidos no latim medieval, assumiram uma tal preponderância de



uso que o português não conservou os verbos em dental. Há, contudo, os nomes *profitente* e *confitente* que servem como termo de comparação com os vocábulos de radical em sibilante: *confessado*, *confessando*, *confessor*, *confessional*, *confessionário*, *confesso*, *confessor*, *confessório*, *confissão*, *professar*, *professo*, *professor*, *professorado*, *professoral*, *professorando*, *professorar*, *profissão*, *profissional*, *profissionalismo*, *profissionalização*, *profissionalizar*.

13. -FENDO, -ERE, -FENDI, -FENSUM. Tem sua origem na raiz indo-européia \*G<sup>W</sup>HEN-, com idéia de 'bater', 'chocar', como se pode ver nos verbos derivados. Não aparece na sua forma independente, mas apenas nos derivados por prefixação e que não são muitos: *defendo*, *infendo*, *offendo*.

Os derivados em sibilante tiveram mais sorte: *defenso*, *-ãre*, *defensor*, *offensio*, *offensus*, etc.

O radical em dental tem representantes verbais no português: *defender*, *ofender*.

Também com o radical em sibilante, o português registra muitos vocábulos: *defensa*, *defensão*, *defesa*, *defeso*, *devesa*, *defensável*, *defensiva*, *defensível*, *defensivo*, *defensor*, *defensório*, *infenso*, *indefensável*, *indefenso*, *indefensivo*, *ofensa*, *ofensão*, *ofensiva*, *ofensivo*, *ofenso*, *ofensor*.

14. FINDO, -ERE, FISI, FISSUM. Sua idéia é a de 'fender'. Pertence à raiz indo-européia \*BHID-, com nasal infix no tema do presente.

Possui alguns derivados por prefixação: *confindo*, *de-*, *dif-*, *ef-*, *in-*, *perfindo*.

Os derivados latinos em sibilante não são muito numerosos, *fissilis*, *fissio* e outros, mas o elemento *fissi-* entra em compostos.

O verbo português correspondente a *findere* é *fender*. O português conservou a nasal /n/ do tema do presente latino, mas tem a vogal /i/ breve evoluída para /e/. Os nomes conservam o mesmo vocalismo radical latino e são em número reduzido: *fissão*, *físsil*, *fissionável*, *fissura*. O elemento *fissi-* entra na composição de muitos termos técnicos, principalmente da Biologia.

15. FLECTO, -ERE, FLEXI, FLEXUM. Tem o sentido de 'curvar', 'dobrar' e, por extensão, 'fazer virar, dirigir'. A raiz é obscura, possivelmente latina, \*FLEC-, com alargamento em /t/. Deve seguir a mesma formação de *plecto*, da raiz \*PLEK- com alargamento em /t/ como se vê em *plecto / implico*. Na formação do supino e dos outros nomes em /t/, a dental é assimilada pela sibilante /s/ que se insere entre as consoantes e, descoberta a velar, resulta o grupo /cs/ que se grafa /x/: \*flectstum > *flectsum / flexum*.

São derivados latinos por prefixação: *adfecto*, *circum-*, *de-*, *in-*, *of-*, *reflecto*.

São relativamente numerosos os derivados latinos em sibilante: *flexilis*, *flexio*, *flexura*, *reflexus*, e outros. Além disso deve-se observar que o elemento *flexi-* entra em numerosos compostos.

O radical em dental é representado em português. Podem servir de termo de comparação com o radical em sibilante: *flectir* (*fletir*), *refletir*.

Convém lembrar que o português conserva a pronúncia do /x/ como dúplice /cs/, ficando bem clara a sibilante: *flexão*, *flexibilidade*, *flexibilizar*, *fléxil*, *flexional*, *flexionar*, *flexionismo*, *flexível*, *flexivo*, *flexor*, *flexuoso*, *flexura*, *deflexão*, *circunflexo*, *circunflexão*, *inflexão*, *inflexibilidade*, *inflexível*, *inflexo*, *irreflexão*, *irreflexivo*, *reflexão*, *reflexivo*, *reflexibilidade*, *reflexível*, *reflexo*. O elemento *flex-* entra, ainda, em vários compostos.

16. FODIO, -ERE, FODI, FOSSUM. Idéia de 'cavar'. É atestado também como verbo de quarta conjugação, *fodire*, e é a forma que prevalece no latim vulgar, como atestam algumas línguas românicas, como no francês *fouir*.

Derivados latinos por prefixação: *circumfodio*, *con-*, *de-*, *ef-*, *in-*, *inter-*, *per-*, *prae-*, *re-*, *suf-*, *transfodio*. A todos esses verbos correspondem derivados em sibilante: *fossa*, *fossilis*, *fossor* e outros.

Na área do português, o radical em dental cede o seu lugar ao verbo freqüentativo *fossãre*, pelo que apenas conservamos o radical em sibilante: *fossa*, *fossada*, *fossador*, *fossadura*, *fossar*, *fossário*, *fossas*, *fosseta*, *fossete*, *fóssil*, *fossilismo*, *fossilista*, *fossilização*, *fossilizado*, *fossilizar*, *fosso*, *fossorial*, *fossório*.

17. FRENDO, -ERE, FRESUM (FRESSUM). Encerra a idéia primitiva de 'moer' (com a mó, com os dentes), donde, em emprego absoluto, 'ranger os dentes'. O perfeito não é atestado. O latim vulgar atesta um freqüentativo *fresāre*.

O latim clássico não usa nenhum derivado por prefixação e, conseqüentemente, são poucos os derivados em sibilante: *fresus*, *defrensus*.

O português conserva o verbo em dental *frender* e os vocábulos em sibilante *fresa*, *frese* (ambos pelo francês), *fresar* e *fresador*.

18. FUNDO, -ERE, FUDI, FUSUM. Encerra a idéia de 'derramar', 'espalhar'. Emprega-se para líquidos e metal em fusão, donde, no sentido técnico, 'fundir', que as línguas românicas conservam. Na língua militar, emprega-se com a idéia de 'pôr em fuga, dispersar'. Provém da raiz indo-européia \**GHEU-* com infixos nasal e alargamento por meio do sufixo *-de/o-*.

São derivados latinos por prefixação: *adfuno* (*affundo*), *circum-*, *con-*, *de-*, *dif-*, *ef-*, *in-*, *inter-*, *of-*, *per-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *suf-*, *super-*, *transfuno*.

Como são numerosos os verbos, também o são os seus derivados em sibilante: *fusūra*, *fusus*, *confusio*, *diffūsor*, e muitos outros.

O português conserva o radical em dental, podendo-se tomar o verbo *fundir* como o elemento de comparação com os vocábulos de radical em sibilante: *circunfuso*, *confusão*, *confuso*, *difusão*, *difusibilidade*, *difusionismo*, *difusível*, *difusividade*, *difusivo*, *difuso*, *difusor*, *efusão*, *efusivo*, *efuso*, *fusão*, *fusibilidade*, *fúsil*, *fusível*, *fusório*, *infusa*, *infusão*, *infuso*, *infusório*, *infusura*, *perfusão*, *profuso*, *profusão*, *sufusão*, *transfusão*.

19. GRADIOR, GRADI, GRESSUS SUM. Tem a idéia de 'caminhar', 'marchar', por oposição ao verbo *curro*. Há quem veja no verbo um derivado do nome *gradus*, outros, porém, vêem o nome como um deverbis. A forma *gressus* deve ser originária de *ingressus*, de vez que o verbo *ingredior* tende a substituir *gradior*, embora este seja antigo e clássico.

O latim clássico fez uso generalizado dos seguintes derivados por prefixação: *aggredior*, *ante-*, *circum-*, *con-*, *de-*, *di-*, *e-*, *in-*, *prae-*, *praeter-*, *pro-*, *re-*, *retro-*, *sub-*, *super-*, *transgredior*.

Muitos são os derivados em sibilante que têm curso no latim clássico: *grasso*, *-ãre*, *aggressio*, *congressor*, *degressus*, e inúmeros outros.

O português tem verbos em dental e pode servir de termo de comparação com as palavras em sibilante o verbo *progredir*. Pertencem ao mesmo grupo os nossos vocábulos em sibilante: *agressão*, *agressivo*, *agressor*, *congresso*, *congressional*, *congressista*, *digressão*, *digressionar*, *digresso*, *egresso*, *egressão*, *grassar*, *ingresso*, *ingressar*, *irregressível*, *pregresso*, *progresso*, *progressão*, *progressista*, *progressividade*, *progressivo*, *regressível*, *regressão*, *regressar*, *regressivo*, *regresso*, *transgressão*, *transgressivo*, *transgressor*.

20. LAEDO, -ERE, LAESI, LAESUM. Significa 'bater, chocar, ferir'. A idéia de 'chocar' conserva-se nos derivados por prefixação e a de 'ferir' (sentido físico ou moral), no radical primitivo. No português, *colisão* e *lesão* mostram bem a diferença. Na prefixação, o ditongo /ae/ evolui para /i/ longo.

Nos derivados por prefixação, um é mais recente, como se vê pela conservação do ditongo, *illaedo*, os outros, mais antigos: *allido*, *col-*, *e-*, *il-*, *inter-*, *ob-*, *re-*, *sublido*. Os sufixos em sibilante são mais ou menos produtivos: *laesio*, *laesura*, *collisus*, *elisio*, etc.

O português conserva o radical em dental, *colidir*, por exemplo, mas não são tão numerosos os derivados em sibilante: *lesão*, *lesado*, *lesante*, *lesar*, *lesivo*, *lesim*, *leseira*, *ileso*, *colisão*, *elisão*.

21. LUDO, -ERE, LUSI, LUSUM. Tem o sentido de 'brincar'. Trata-se de palavra de empréstimo, possivelmente feito aos etruscos, de quem os romanos tomaram muitas palavras de uso corrente no teatro. De qualquer forma, o radical não está presente nas outras línguas indo-européias. Pertence ao mesmo radical do nome *ludus*, o 'jogo', principalmente o jogo em ações, em atos, distinto, inicialmente de *iocus*, o 'jogo de palavras', o 'gracejo'. A perda da diferença de sentido fez que o verbo *iocãre* suplantasse o verbo *ludere*, cujo radical vem ao português em derivados normalmente de valor abstrato.

São derivados por prefixação de uso na língua clássica: *abludo*, *al-*, *col-*, *de-*, *e-*, *il-*, *inter-*, *ob-*, *prae-*, *re-*, *proludo*, havendo para cada verbo alguns derivados em sibilante: *lusio*, *lusor*, *illusorius*, etc.

No português há correspondentes em dental, *iludir* por exemplo e alguns vocábulos em sibilante: *alusão, alusivo, colusão, delusão, delusor, delusório, desilusão, ilusão, ilusionismo, ilusionista, ilusivo, iluso, ilusor, ilusório, prolusão*.

22. METIOR, -ĪRI, MENSUS SUM (METĪTUS SUM na b. latinidade). Provém da raiz indo-européia \*ME-, com o sentido de 'medir, avaliar', donde 'medir percorrendo, percorrer', com alargamento em dental. O /n/ de *mensus* resulta, por analogia, do seu emprego constante ao lado da palavra *pensus* na expressão 'neque mensum neque pensum'. Tal processo analógico é comum na língua oral. No português, por exemplo, ouve-se 'está compro e pago' no lugar de 'está comprado e pago'.

Derivados latinos por prefixação: *admetior, com-, de-, di-, e-, per-, re-, supermetior*. Além de o elemento *mens-* entrar em vários compostos, é relativamente grande o número de derivados em sibilante: *ensor, mensura, immensurabilis, etc.*

O verbo *medir* é o representante português em dental que pode servir de termo de comparação com os derivados em sibilante que, apenas em alguns casos, reduz o grupo /ns/ a /s/: *comensurabilidade, comensura, comensurável, incomensurabilidade, incomensurável, imensidade, imensidão, imenso, imensurabilidade, imensurável, mensura, mensuração, mensurabilidade, mensurador, mensurar, mensurável, desmesura, desmesurado, misura, mesurado, mesurar, measureiro, dimensão, dimensionar, dimensionalidade, dimensionamento, dimensionar, dimensional, dimensório*. O elemento *mens-* entra, ainda, em muitos compostos com idéia de medida.

23. METO, -ERE, (MESUI), MESSUM. Tem sua origem na raiz indo-européia \*MET-, com idéia de 'colher, fazer a colheita'.

São poucos os seus derivados por prefixação no latim clássico: *demeto, e-, praemeto*. Conseqüentemente, também são poucos os derivados em sibilante: *messor, are, messis*, e mais uns poucos.

O português não tem representante em dental e registra em sibilante apenas *messe* e *messório*.

24. MITTO, -ERE, MISI, MISSUM. Sua idéia primitiva é a de 'deixar ir', 'deixar partir', 'deixar passar', 'soltar', idéia essa que permanece em muitos derivados por prefixação: 'coruus emisit ore

caseum (Fedro), 'o corvo deixou cair (soltou) do bico o pedaço de queijo...' A idéia de 'enviar', conquanto antiga, é conseqüência da de 'deixar ir'. O sentido primitivo encerra atividade de quem vai, de quem parte, o que não ocorre com o de 'enviar'. A etimologia não é segura. A comparação da forma do presente com a do perfeito leva à conclusão de que a geminação /tt/ é expressiva, como ocorre em *cassus*, 'vazio'.

É um verbo que no latim clássico produziu muitos derivados por prefixação: *admitto*, *a-*, *ante-*, *circum-*, *com-*, *compro-*, *de-*, *di-*, *e-*, *expro-*, *inad-*, *im-*, *inter-*, *intro-*, *ob-*, *per-*, *prae-*, *praeter-*, *pro-*, *repro-*, *re-*, *sub-*, *transmitto*.

Podemos enumerar mais de cem derivados em sibilante em uso no latim clássico: *missibilis*, *missus*, *admissio*, *comissor*, *comissura*, etc.

O português possui dois tipos de verbo em dental a partir de *mittere*: um, com a vogal radical /i/ evoluída para /e/, e tem a forma primitiva e os derivados na 2ª conjugação, *meter*, *remeter*, *submeter*, etc.; outro, mais erudito, com a conservação da vogal radical e formado apenas de derivados latinos pro prefixação, e na 3ª conjugação: *admitir*, *emitir*, *imitir*, etc.

As palavras em sibilante são em número bem elevado: *missa*, *missado*, *missal*, *missão*, *missar*, *missaria*, *misseiro*, *missil*, *missionar*, *missionário*, *missioneiro*, *missiva*, *missivista*, *missivo*, *admissão*, *admissibilidade*, *admissível*, *inadmissão*, *inadmissível*, *amissão*, *amisível*, *inamisível*, *inamissibilidade*, *arremissão*, *arremessar*, *arremesso*, *comissão*, *comissariado*, *comissário*, *comissionado*, *comissionar*, *comissivo*, *comisso*, *comissório*, *comissura*, *comissural*, *compromissário*, *compromissivo*, *compromisso*, *compromissório*, *demissão*, *demissionário*, *demissível*, *demissório*, *dimissório*, *emissão*, *emissário*, *emissividade*, *emissivo*, *emissor*, *emissora*, *expromissão*, *expromissor*, *imissão*, *imisso*, *intermissão*, *intromissão*, *permissão*, *permissionário*, *permissível*, *permissividade*, *permissivo*, *permissor*, *permissório*, *premissa*, *pretermissão*, *promessa*, *promissão*, *promissário*, *promissivo*, *promissor*, *promissória*, *promissório*, *remessa*, *remessar*, *remesso*, *remissa*, *remissão*, *remissível*, *remissivo*, *remisso*, *remissor*, *remissório*, *repromissão*, *submissão*, *submisso*, *transmissão*, *transmissibilidade*, *transmissível*, *irremissível*, *irremissibilidade*, *readmissão*, *reemissão*, *retransmissão*, *transmissor*, *retransmissor*.

O elemento *miss-* entra também na composição de muitos compostos.

25. MORDEO, -ĒRE, MOMORDI, MORSUM. O perfeito *morsi* aparece em alguns derivados. O sentido é o de 'morder'. É empregado, bem como seus derivados, quer no sentido próprio, quer no sentido figurado, o que ocorre ainda nas línguas românicas. A forma *mordĕre*, com /e/ breve, que o francês, por exemplo, faz admitir, deve ser refeita a partir de *morsum* e *momordi*, o que é fácil de explicar, porque essas formas são desprovidas de vogal temática.

O latim clássico registra os seguintes derivados por prefixação: *admordeo*, *com-*, *de-*, *im-*, *ob-*, *prae-*, *remordeo*.

Os derivados em sibilante são, naturalmente, poucos: *admorsus*, *morsus*, *morsico*, *-āre*, e outros.

Podemos tomar o verbo *morder* para comparação com as palavras em sibilante: *morsa*, *morsegar*, *morso*, *morsolo*, *mossa*, *mossegar* (com assimilação do /r/ ao /s/), *remorsal*, *remorso*.

26. NECTO, -ERE, NEXUI, NEXUM. Tem o sentido de 'enlaçar' e daí, 'ligar, atar'. Na prosa aparece mais em sentido figurado ou com valor jurídico. O seu maior concorrente é *ligāre* que acabou por suplantá-lo nas línguas românicas. No supino, o radical *nect-*, ao receber o sufixo /t/, tem sua dental normalmente evoluída por assibilação e assimilação como já vimos nos demais verbos em dental. Todavia, a velar /c/, descoberta pela assimilação do /t/ ao /s/, combina-se com este, grafando-se /x/: *\*nectstum* > *necsum* / *nexum*.

Os derivados por prefixação são poucos: *adnecto*, *circum-*, *co-*, *in-*, *inter-*, *subnecto*.

Derivados em sibilante: *nexibilis*, *nexio*, *nexum*, etc.

O verbo *nectere* não passa ao português, mas seu radical está em nomes como *conectivo* (*conetivo*).

O radical em sibilante conserva o mesmo grupo /cs/ grafado /x/: *anexação*, *anexar*, *anexo*, *conexão*, *conexidade*, *conexivo*, *conexo*, *desconexão*, *desconexo*, *inconexão*, *inconexo*.

27. PANDO, -ERE PANDI, PASSUM e PANSUM. Tem o sentido de 'estender', 'desdobrar', 'abrir afastando'. Provém da raiz

indo-européia \*Pet-, com nasalização itálica e troca do /t/ por /d/. A raiz é a mesma que está em *pateo*. O perfeito *pandi* só é atestado nos derivados por prefixação. Alguns derivados de *pando* confundem-se, na forma, com os de *patior*.

*Dispando*, *ex-*, *op-*, *repando* são os derivados por prefixação de uso corrente no latim clássico. Os derivados não são muitos: *pansus*, *passus*, *expansio*, e alguns outros.

O português aproveitou mais ou menos bem o radical. Em dental, o verbo *expandir* pode ser tomado como termo de comparação com o radical em sibilante, que apresenta: *antepassado*, *antepassar*, *expansão*, *expansionismo*, *expansionista*, *expansível*, *expansivo*, *impasse*, *passa*, *passal*, *passante*, *passar*, *passada*, *passadeira*, *passadiço*, *passadio*, *passadismo*, *passado*, *passador*, *passageiro*, *passagem*, *passamento*, *passarela*, *passável*, *passse*, *passeador*, *passeadouro*, *passsear*, *passseata*, *passseio*, *passseista*, *passse*, *repassado*, *repassar*, *repasse*. O elemento *pass-*, com idéia de passar, entra na composição de muitos vocábulos.

28. PATIOR, PATI, PASSUS SUM. Possui o sentido de 'sofrer' e daí, 'suportar', 'permitir que'. Sua raiz é duvidosa, mas Ernout<sup>4</sup> pergunta se ele não seria proveniente de um antigo e desusado nome \**patos* (<\**pHt-os*). O tema *pati*, seguido de vogal, vem ao português com evolução do /t/ para /c/, como está em *paciente*. Também *passione* evolui para *paixão*. E que, seguido de vogal, o grupo /ti/ pode evoluir para /c/ ou /z/ e o grupo /ssi/, na mesma situação, pode palatalizar-se. No latim vulgar, o infinitivo depoente *pati* foi substituído por *patiscere* (ou *patescere*) responsável pelo vocábulo português *padecer*.

O latim clássico fez uso apenas dos derivados por prefixação *compatior* e *perpetior*. Como foram formados os verbos frequentativos *passo-are* e *passito-are*, o número de derivados em sibilante é maior do que se devia esperar: *passibilis*, *passio*, *passivitas*, *passionālis*, etc.

No português, pode-se tomar como termo de comparação em dental o verbo *padecer*. A dental surda intervocálica evolui para sua homorgância sonora /d/ e o grupo /sc/ reduz-se.

4. *Dictionnaire Étymologique*, p. 448.



No português, possivelmente a confusão de formas com os derivados de *pando* reduza o número de derivados de *patior*: *compasível*, *compassivo*, *incompasível*, *incompassivo*, *impassibilidade*, *impassível*, *passional*, *passionalidade*, *passionário*, *passioneiro*, *passionista*, *passível*, *passibilidade*, *passividade*, *passivo*. Pode-se acrescentar a este grupo a palavra *paixão* e as que se prendem a ela: *apaixonar*, *apaixonado*, etc.

29. PENDEO, -ÈRE / PENDO, -ERE, PEPENDI, PENSUM. A raiz é \**PEND-*, que produz dois verbos: um, de estado, com vogal longa, *pendere*, com o sentido de 'estar suspenso', e outro, de ação, tema em consoante, trazendo, portanto, uma vogal breve de ligação, *pendêre*, com o sentido de 'suspender', 'pendurar' e daí, 'pesar' e por especialização de sentido, 'pesar o cobre, a prata', 'pagar'. É empregado também em sentido figurado. Mas ao lado de *pendere*, são de uso corrente os freqüentativos *pensãre* e *pensitãre* com a idéia de 'pesar' e, em sentido figurado, 'pesar no espírito', 'ponderar', 'pensar'. O português conserva a forma *pensar* principalmente para as operações do espírito e usa a forma evoluída *pesar* com valor concreto, embora ambos possam ter o emprego oposto.

*Pendeo* forma pouquíssimos derivados e não tem supino. Assim sendo, interessa-nos registrar os derivados por prefixação de *pendo*: *appendo*, *com-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *im-*, *per-*, *pro-*, *re-*, *suspendo*.

São bastante numerosos os derivados em sibilante latinos: *appensus*, *depensio*, *perpensum*, etc.

O representante português em dental do grupo é, por excelência, o verbo *pender* e o número de vocábulos portugueses em sibilante é relativamente elevado: *apensação*, *apensamento*, *apensar*, *apenso*, *apesar*, *apesarar*, *apensarar*, *compensação*, *compensado*, *compensador*, *compensar*, *compensativo*, *compensatório*, *compensável*, *contrapesar*, *contrapeso*, *despesa*, *despenseiro*, *despesa*, *dispensa*, *dispensabilidade*, *dispensação*, *dispensado*, *dispensador*, *dispensar*, *dispensário*, *dispensatário*, *dispensativo*, *dispensatório*, *dispensável*, *expensão*, *expensas*, *incompensação*, *incompensado*, *incompensável*, *indispensabilidade*, *indispensável*, *impensado*, *impensável*, *pensador*, *pensadura*, *pensamento*, *pensamentar*, *pensante*, *pensão*, *pensativo*, *pensável*, *pênsil*, *pensar*, *pensionar*, *pensionário*, *pensionato*, *pensioneiro*, *pensionista*, *penso*, *pesada*, *pesadelo*, *pesado*, *pesador*, *pesadume*, *pesagem*,

*pêsame, pesar* (v. e n.), *pesaroso, peso, propensão, propenso, repensar, repesagem, repesar, repeso, sopesar, sopesável, sopeso, suspensão, suspense, suspensivo, suspenso, suspensor, suspensório*.

30. PLAUDO (PLODO), -ERE, PLAUSI, PLAUSUM. O seu sentido é o de 'bater', 'bater um contra o outro' e, especialmente, 'bater as mãos', 'aplaudir'. Entre os derivados, só *applaudo* mantém sistematicamente o ditongo /au/. O português conserva o mesmo sistema: *aplaudir / explodir*. Meillet<sup>5</sup> admite, entretanto, que *plodo* pode ser a forma antiga e *plaudo* um urbanismo excessivo. F. Gaffiot<sup>6</sup> registra o derivado *implaudo* em S. Jerônimo, como sinônimo de *afflīgo*, 'bater contra'.

O radical não foi muito produtivo, nem em verbos por prefixação, nem em nomes em sibilante. Em dental: *applaudo, superplaudo, complōdo, dis-, ex-, supplōdo*. Em sibilante: *applausus, explosio, plausor*, etc.

O verbo *aplaudir* pode servir de termo de comparação com o radical em sibilante que registra poucas palavras: *aplausível, aplauso, explosão, explosível, explosivo, explosor, implosão, implosivo, plausibilidade, plausível*.

31. PLECTO, -ERE, PLEXI, PLEXUM. O sentido é o de 'trançar, entrelaçar, enlaçar'. O supino *plexum* provém de *plect-s-tu-m*, com assimilação bilateral e grafia do grupo /cs/ na forma /x/. O emprego maior é o dos verbos derivados por prefixação, talvez porque os autores procurem evitar uma possível ambigüidade com o verbo homônimo *plecto*, com idéia de 'bater, castigar'. A mesma raiz, com vocalismo /i/ e sem o alargamento de sufixo /t/, *plīc-*, fornece uma outra série de verbos com a vogal temática /a/, evidentemente sem /s/ no supino, *plīcāre, applicāre*.

São verbos derivados por prefixação: *amplector, com-, circum-, implecto*.

Os dicionários registram cerca de trinta e cinco derivados em sibilante: *amplexo,-āri, amplexio, complexus*, etc.

5. *Dictionnaire Étymologique*, p. 513.

6. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, p. 783.

No português, o radical em dental aparece em nomes como *ampletivo*, *completivo*. Também é pouco representado o radical em sibilante: *amplexão*, *amplexátil*, *amplexidade*, *amplexivo*, *amplexo*, *complexado*, *complexão*, *complexidade*, *complexo*, *incomplexo*, *implexo*, *perplexão*, *perplexidade*, *perplexo*. O elemento *amplexi-* entra em alguns compostos portugueses.

32. PRAEHENDO (PREHENDO, PRENDO), -ERE, PRAEHENDI, PRAEHENSUM. Significa 'prender', 'agarrar', 'tomar', quer no sentido físico, quer para indicar operações do espírito. É formado do prefixo *prae-* e de um verbo *-hendo*, que não é atestado isoladamente e que está ligado à raiz indo-européia \*GHED-, \*GHEND-. Sem o infixo nasal, a raiz está presente no nome *praeda*.

São derivados latinos por prefixação correntes na língua clássica: *apprehendo*, *com-*, *de-*, *reprehendo*.

São relativamente numerosos os derivados em sibilante: *apprehensibilis*, *comprehensio*, *comprehensus*, etc.

No português, o radical em dental pode apresentar uma só vogal ou o grupo /ee/: *prender*, *aprender*, *apreender*. O radical em sibilante pode permanecer muito próximo da forma latina, conservando os grupos /ee/ e /ns/, ou pode reduzir a vogal a uma só e o grupo /ns/ a /s/: *apreensão*, *apreensibilidade*, *apreensível*, *apreensivo*, *apreensor*, *apreensório*, *compreensão*, *compreensibilidade*, *compreensível*, *compreensivo*, *depreensão*, *empresa*, *empresador*, *empresar*, *empresariado*, *empresarial*, *empresário*, *incompreensão*, *incompreensibilidade*, *incompreensível*, *incompreensivo*, *irrepreensibilidade*, *irrepreensível*, *repreensão*, *repreensível*, *repreensivo*, *repreensor*, *presa*, *apresador*, *apresamento*, *apresar*, *represa*, *represado*, *represador*, *represadura*, *represar*, *presilha*, *apresilhar*, *preso*, *prisão*, *aprisionado*, *aprisionador*, *aprisionamento*, *aprisionar*, *aprisoar* (p. us.) *prisioneiro*, *surpresa*, *surpresar*, *surpreso*.

33. QUATIO, -ERE, QUASSUM. Tem o sentido de 'agitar, sacudir, bater'. Os derivados por prefixação apresentam no radical o vocalismo /u/, resultante da evolução do ditongo. O particípio *quassus* é usado com o sentido forte de 'quebrado, espedaçado', como consequência da agitação. O freqüentativo *quassare* conserva esse sentido, que vem às línguas românicas, como no francês *casser*

'quebrar' e no português *quassação*, 'redução das raízes e cascas a fragmentos para extração dos princípios ativos'. O perfeito de *quatio* não é atestado, mas seus derivados possuem-no na forma *-cussi*.

O radical do presente forma por prefixação: *concutio*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *per-*, *prae-*, *re-*, *reper-*, *succutio*.

Registramos mais de sessenta derivados latinos em sibilante: *quasso*, *-ãre*, *quassus*, *quassatio*, *concuissio*, etc.

Podemos registrar como termo de comparação com o radical em sibilante *incutir*, *percutir*.

São palavras em sibilante, correspondentes ao radical em dental: *quassação*, *concuissão*, *concuissionário*, *inconcuído*, *decuísado*, *discuísão*, *excuição*, *percuísão*, *percuissionista*, *percuísor*, *repercuísão*, *repercuísivo*, *sucuição*.

34. RADO, -ERE, RASI, RASUM. Tem o sentido de 'raspar, tirar raspando' e daí, 'esfolar a pele, tosquiá, barbear, riscar, apagar'. É termo da linguagem técnica, e o latim vulgar conserva derivados com sufixo em sibilante que os textos clássicos não registram, como *rasãre* e *rasicãre*, atestados pelo francês *raser* e pelo português *rasgar* e *rascar*.

São derivados latinos por prefixação: *abrãdo*, *ad-*, *circum-*, *cor-*, *de-*, *e-*, *inter-*, *ir-*, *prae-*, *subrãdo*.

São derivados em sibilante: *rasãmen*, *rasilis*, *rasio*, *rasor*, etc.

O verbo português *raer* não conserva a dental, mas ela está presente no nome *rãdula*, termo técnico da Zoologia.

São derivados em sibilante: *abrasão*, *abrasivo*, *arrasar*, *arrasado*, *arrasador*, *arrasadura*, *arrasamento*, *arrasante*, *rasa*, *rasadura*, *rasante*, *rasar*, *rasiro*, *raso*, *rasoura*, *rasourar*, *resourante*, *rasura*, *rasurar*.

35. RIDEO, -ÈRE, RISI, RISUM. Idéia de 'rir', 'sorrir'. Deve ser verbo de origem itálica, de vez que seu radical não aparece nas outras línguas indo-europeias.

Derivados latinos por prefixação: *adrideo*, *de-*, *ir-*, *subrideo*. O pequeno número de verbos leva, conseqüentemente, a um pequeno número de derivados em sibilante: *risito*, *-ãre*, *resibilis*, *risio*, *risor*, etc.

O verbo *ridēre*, na sua evolução para o português, perde a dental por síncope e entra para a nossa terceira conjugação, conquanto tivesse vogal longa no infinitivo latino. Mas o radical do presente latino em dental aparece pleno em *sorridente*.

São vocábulos portugueses com radical em sibilante: *derrisão*, *derrisório*, *irrisão*, *irrisor*, *irrisório*, *risibilidade*, *risível*, *riso*, *risonho*, *risório*, *risota*, *risote*, *sorriso*.

36. RODO, -ERE, ROSI, ROSUM. Possui idéia de 'roer'. Emprega-se quer em sentido físico, quer em sentido figurado.

Não são muitos os derivados latinos, quer por prefixação, quer em sibilante. Por prefixação: *abrōdo*, *ad-*, *circum-*, *cor-*, *e-*, *ob-*, *per-*, *praerōdo*. Em sibilante: *rosūra*, *rosus*, *rosio*, etc.

*Rodere*, ao evoluir para a forma portuguesa *roer*, perdeu a sua dental, mas esta se conserva em *erodir*. Vocábulos em sibilante: *corrosão*, *corrosibilidade*, *corrosível*, *corrosividade*, *corrosivo*, *erosão*, *erosivo*.

37. SCANDO, -ERE, (SCANDI, SCANSUM). Tem o sentido de 'subir', 'trepar', 'escalar'. O perfeito e o supino aparecem nos derivados por prefixação; o verbo primitivo é sistematicamente empregado nos presentes e imperfeitos. Na língua técnica gramatical, *scandere* é empregado para indicar o movimento de subida e descida do pé na marcação do compasso do verso. O português, no estudo da metrificação, continua a empregar *escandir* e *escansão*. A nasal é um infixo indo-europeu, que não se conserva no substantivo *scala* < \**skand-s-la*.

Foram formados poucos derivados por prefixação: *ascendo* (*adsc-*), *con-*, *de-*, *e-*, *in-*, *transcendo*. Derivados em sibilante: *scansilis*, *scansio*, *scansor*, *ascensio*, etc.

No português, podemos comparar o radical em sibilante com os verbos *descender* e *escandir*. Palavras em sibilante: *ascensão*, *ascensional*, *ascensionário*, *ascensionista*, *ascenso*, *ascensor*, *ascensorista*, *descensão*, *descensional*, *descenso*, *escansão*.

A presença da vogal radical /a/ em *escandir* e *escansão* deve-se ao fato de que a vogal /e/ que precebe o grupo /sc/ não é um prefixo e sim um fonema protético que no romanceo [lusitano] serve

de apoio a um /s/ impuro: *spiritu* > *espírito*; *stylu* > *estilo*. Pode também o /s/ impuro não se conservar no português: *scientia* > *ciência*.

38. SCINDO, -ERE, SCIDI, SCISSUM. O perfeito por redobro *scicidi*, arcaico, cedeu o seu lugar a *scidi* por depreensão dos derivados por prefixação, onde o redobro não aparece. O sentido é o de 'fender' e, daí, o de 'dilacerar, rasgar'. Em sentido figurado, 'dividir, separar'. A conservação da geminada no supino prova a quantidade breve do /i/. No português, a redução da sibilante geminada a uma só em algumas palavras e conseqüente sonorização só se explicam a partir de uma possível analogia com os derivados do verbo *caedo*, como *incisão* e *abscisão*.

O verbo *scindo* formou alguns derivados por prefixação: *abscindo*, *con-*, *di-*, *ex-*, *inter-*, *pre-*, *prae-*, *pro-*, *rescindo*. Os derivados em sibilante são poucos: *scissilis*, *scissio*, *conscissura*, etc.

O português conserva a dental nos verbos, como *cindir*, *rescindir*. As palavras em sibilante são poucas: *cisão*, *cissão*, *cissura*, *cisura*, *abscissa*, *rescisão*, *rescisório*. O elemento *cissi-* entra em compostos.

39. SEDEO, -ĒRE, SĒDI, SESSUM. O verbo pertence à raiz \**SED-*, com idéia de 'estar sentado', por oposição a *sto*, 'estar de pé' e a *cubo*, 'estar deitado'. O perfeito *sēdi* pode representar um vocalismo de grau pleno da raiz ou pode ser uma formação na área latina, por alongamento. Ao lado de *sedeo*, o latim possui o verbo *sīdo*, forma evoluída de redobro de presente, de valor aspectual, para indicar a ação que chega ao seu termo. *Sedeo* e *sido* têm o mesmo perfeito e o mesmo supino e formam, ambos, inúmeros derivados por prefixação. Os derivados de *sedeo* podem conservar a vogal radical ou tê-la evoluída para /i/: *persedeo* / *persideo*.

Ao lado de *sedeo* e de *sido*, o latim possui o verbo de estado *sedāre*, que tem representantes no português, *sedativo*, por exemplo.

São derivados de *sedeo* e de *sido*: *adsideo*, *adsīdo*, *circum-*, *con-*, *de-*, *dis-*, *in-*, *ob-*, *per-*, *prae-*, *pro-*, *proto-*, *re-*, *sub-*, *supersedeo*, *supresido*. O adjetivo *potis*, em composição com *sedeo* / *sido*, forma *possideo* / *possīdo*, 'estar na posse de', empregados como sinônimos de *habēre*.

Os derivados em sibilante são, também, numerosos: *sessito, -ãre, sessibilis, sessio, adessor, etc.*

O verbo *sedere* não conserva a dental em português, evoluindo para *ser*, mas ela está em verbos como *residir* e *presidir* e em nomes como *sede*.

O português faz uso de vários termos em sibilante: *sessão, séssil, sesso, assessor, assessoramento, assessorar, assessoria, assessorial, assessório, circunsessão, obsessão, obsessivo, obsessão, obsessor, possessão, possessibilidade, possessível, possessivo, possesso, possessor, possessório, subséssil.*

40. SENTIO, -IRE, SENSI, SENSUM. Tem o sentido de 'sentir', 'experimentar uma sensação ou um sentimento'. Na língua do direito, 'decidir, votar'. A *sentio*, corresponde um verbo intensivo-durativo em /a/, *-sentor, -ãri*, que aparece no derivado *assentor, -ãri*, (*ad-sentor*), 'ser da mesma opinião, aprovar' e nos seus derivados.

Na época clássica, *sentio* produziu os seguintes derivados por prefixação: *assentio (ads-), con-, dis-, prae-, per-, pro-, subsentio.*

Registramos o uso de trinta e três derivados em sibilante na época clássica: *sensibilis, sensuālis, consensus, dissensor, etc.*

O português conserva o próprio verbo latino, *sentir* e possui muitos vocábulos em sibilante: *sensação, sensacional, sensacionismo, sensacionalista, sensacionismo, sensatez, sensato, sensibilidade, sensibilização, sensibilizar, sensibilizador, sensibilizante, sensitiva, sensitivo, sensitividade, sensível, senso, sensor, sensorial, sensório, sensual, sensualidade, sensualismo, sensualista, sensualização, sensualizar, consenso, consensual, consensualidade, dissensão, dissenso, insensatez, insensato, insensibilidade, insensibilização, insensibilizar, insensitivo, insensível.*

41. SPONDEO, -ĒRE, SPOPONDI, SPONSUM. A vogal /o/ do redobro do perfeito é analógica da vogal radical. A forma primitiva seria *\*spepondi*. Esse redobro não se mantém nos verbos derivados por prefixação. A idéia que o verbo possui é a de 'tomar um compromisso solene', 'prometer solenemente', donde, 'obrigar-se', 'garantir'. Na linguagem religiosa, indica toda sorte de compromisso, em particular o do pai de dar a filha, *sponsa*, em casamento. O masculino *sponsus* é posterior a *sponsa* e só aparece a partir de Cícero.

São derivados presentes na língua clássica: *consondeo, despondeo, respondeo*. Os derivados em sibilante são em número reduzido: *sponso, -āre, sponsa, sponsālis, sponsio, consponsor*, e outros.

O radical em dental conserva-se no português e o verbo *responder* pode servir como termo de comparação com o radical em sibilante, que apresenta: *esposa, esposado, esposar, esposo, esposório, esposais, sponsal, sponsālias, sponsalício, desponsório, desposar, desposório, irresponsabilidade, irresponsabilizar, irresponsável, responsabilidade, responsabilizador, responsabilizar, responder, responsável, responsivo, responso, responsório*.

42. SUADEO, -ĒRE, SUASI, SUĀSUM. Significa 'aconselhar' e perence à raiz indo-européia \*SWAD-, a mesma que está em *suāvis*.

A raiz é pouco produtiva em verbos: *consuadeo-, de-, dis-, persuadeo*. Conseqüentemente, os nomes em sibilante não podem ser muito numerosos: *suasio, suāsor, suasorius*, etc.

Também no português o radical verbal é pouco representado: *dissuadir, persuadir*. E os nomes em sibilante são igualmente poucos: *suasivo, suasório, dissuasão, dissuasivo, dissuasor, dissuasório, persuasão, persuasiva, persuasível, persuasivo, persuasor, persuasória, persuasório*.

43. TENDO, -ĒRE, TETENDI, TENTUM (TENSUM). A raiz é indo-européia, \*TEN-, com idéia de 'distender', 'estender', e daí, 'dirigir-se para'. Com a vogal temática /e/, a raiz forma o verbo *teneo*, no sentido de 'ter, possuir' com idéia de continuidade e daí, na língua militar e náutica, 'manter-se na mesma posição ou na mesma direção'. Este verbo tem como supino a forma *tentum* (< *ten-tu-m*). Com o sufixo *-de/o*, a raiz forma o verbo *tendo*, de aspecto determinado. Este tem o seu supino na forma *tensum* e o particípio passado *tensus*, formados, evidentemente, a partir do tema do presente *tend-*, com assibilação e assimilação bilateral, como já temos visto. O adjetivo em *-to-* herdado do indo-europeu é *tentus* e o supino é *tentum*, e pertencem ao verbo *teneo*. Passam, contudo, a servir também ao verbo *tendo*, e está aí a explicação dos freqüentativos do tipo *tentāre, ostentāre*. Com idéia de esforço, é comum os autores latinos empregarem *tendo* como sinônimo de



*tempto*, não sendo, pois, impossível ver neste último verbo a mesma raiz \**ten-* com alargamento em /p/. De qualquer forma, os derivados por prefixação de *tendo* ora têm o supino em *-tum* e em *-sum*, ora apenas em *-tum*, ora apenas em *-sum*.

Com base nesse quadro, o português terá derivados em /s/, em /ç/ ou em /ci/. Os derivados em /s/ correspondem ao supino em *-sum*, conseqüentemente a verbos em /d/ em português: *tender* / *tensão*, *distender* / *distensão*. Os derivados em /ç/ e em /ci/ correspondem ao supino em *-tum* e, precisamente, ao nome em *-tion*, único sufixo do grupo do supino que pode evoluir para /ç/ ou /ci/ no português, independentemente do processo latino de assibilação e assimilação. Eis por que ao verbo latino *intendere*, ao qual corresponde o verbo português *intender*, também correspondem os nomes *intenção* (de *intentio*, -ōnis), *intensão* (de *intensio*, -ōnis) e *intencional* (de *intentiōne* + *al*). *Ostentar* é um derivado do radical do supino *ostentum*, *ostentāre*, mas *ostensivo* terá a sibilante necessariamente presente no latim, mesmo que se admita, com A. Nascentes, que seja formado do particípio *ostensu-* mais o sufixo *-ivo*. Por outro lado, a inexistência do supino *contensum* leva-nos a admitir para *contensão* uma forma vernácula de *con* + *tensão*.

Derivados latinos por prefixação com supino em *-tum* e *-sum*: *distendo*, *ex-*, *in-*, *os-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *subtendo*; com supino em *-sum*: *detendo*, *per-*, *subos-*; com supino em *-tum*: *attendo*, *circum-*, *contendo*.

O latim clássico fez uso de vários derivados em sibilante: *tensibilis*, *tensio*, *tensūra*, *extensor*, etc.

O português conserva o radical em dental nos verbos como *tender*, *distender*, e faz uso de vários derivados em sibilante: *contensão*, *distensão*, *distensibilidade*, *distensível*, *distenso*, *distensor*, *entesado*, *entesar*, *extensão*, *extensibilidade*, *extensidade*, *extensível*, *extensividade*, *extensivo*, *extenso*, *extensor*, *hipertensão*, *hipertenso*, *hipertensor*, *intensão*, *intensar*, *intensidade*, *intensificação*, *intensificador*, *intensificar*, *intensivação*, *intensivar*, *intensivo*, *intenso*, *ostensão*, *ostensibilidade*, *ostensível*, *ostensivo*, *ostensório*, *pretensão*, *pretensioso*, *pretenso*, *pretensor*, *protensão*, *protensivo*, *retensão*, *retensivo*, *retesado*, *retesamento*, *retesar*, *reteso*, *subtensa*, *subtenso*, *tensão*, *tensivo*, *tenso*, *tensor*, *tensorial*, *tesão*, *tesar*, *teso*, *tesura*.

44. TONDEO, -ERE, TOTONDI, TONSUM. Como verbo de terceira conjugação, é atestado em documentos epigráficos. A idéia é a de 'cortar rente', e daí, 'raspar, barbear'; na língua da agricultura, 'ceifar, segar'. Na língua popular, é empregado como 'despojar de'. Deve ser uma formação com sufixo *-de/o-*, de uma raiz possivelmente latina, com idéia de 'cortar'.

São poucos os derivados latinos por prefixação: *attondeo*, *de-*, *in-*, *praetondeo*. Os derivados em sibilante também são em número reduzido: *tonsāre*, *tonsurāre*, *tonsio*, *tonsor*, etc.

O português não conservou o radical em dental, mas verbos e nomes em sibilante: *intonso*, *tonsar*, *tonsurar*, *tonsurado*, *tonsurador*, *tonsurante*, *tonsurar*, *tosa*, *tosado*, *tosador*, *tosadura*, *tosamento*, *tosão*, *tosar*, *tososo*, *tesoura*, *tesourada*, *tesourar*.

45. TRUDO, -ERE, TRUSI, TRUSUM. Tem o sentido de 'empurrar', 'impelir' e daí, 'fazer sair, fazer brotar'.

O latim clássico usou derivados com os seguintes prefixos: *abstrūdo*, *con-*, *de-*, *ex-*, *intro-*, *in-*, *obs-*, *pro-*, *retrūdo*. Como derivados em sibilante: *trusāre*, *trusitāre*, *abstrusio*, etc.

O português não conservou o verbo em dental, mas possui nomes em sibilante: *abstrusão*, *abstrusidade*, *abstrusivo*, *abstruso*, *extrusão*, (p. us.), *extrusivo*, *intrusa*, *intrusão*, *intrusivo*, *intruso*, *protrusão*, *protruso*, *retrusão*, *retruso*.

46. TUNDO, -ERE, TUTUDI, TUSUM (TUNSUM). A raiz é indo-européia, \**STEU-*, \**TEU-*, com idéia de 'golpear, bater repetidamente, bater com instrumento contundente'. Apresenta no tema do presente um infixos nasal, que pode aparecer também no supino. No verbo *tundo*, a raiz é alargada com o sufixo *-de/o-*, mas pode trazer outros alargamentos, como em *stupeo*.

Derivados latinos por prefixação: *contundo*, *circum-*, *de-*, *ex-*, *in-*, *ob-*, *per-*, *retundo*. Derivados em sibilante: *tunsio*, *contusio*, *contūsus*, etc.

O português conserva o radical em dental em verbos e nomes, como *contundir*, *tunda*. Em sibilante: *contusão*, *contuso*, *obtusado*, *obtusão*, *obtusidade*, *obtusoso*, *obtusado*, *obtusado*. O elemento *obtus-* entra na composição de muitos vocábulos.

47. UTOR, UTI, USUS SUM. A raiz é itálica, com idéia de 'servir-se de', 'fazer uso de', 'usar' e é atestada na grafia *oitor*. O verbo é, pois, depoente e indica, de um modo geral, ação de interesse do falante, mas aparece também com valor passivo. Constrói-se na época clássica com ablativo instrumental, que o português conserva no freqüentativo *usar de*. É o verbo freqüentativo *usāre*, de emprego posterior à época clássica, que vem para o português.

Os clássicos usaram os seguintes derivados por prefixação: *abūtor*, *coūtor*, *deūtor*. Como derivados em sibilante: *usitāri*, *usio*, *usus*, etc.

O verbo em dental não passou ao português, mas ela está em nomes como *útil*. São derivados em sibilante no português: *abusado*, *abusador*, *abusão*, *abusar*, *abusivo*, *abuso*, *desabusado*, *desabusar*, *desabuso*, *desusado*, *desuso*, *inusitado*, *usança*, *usar*, *usável*, *useiro*, *uso*, *usual*, *usualidade*, *usuário*, *usura*, *usurar*, *usurário*, *usureiro*. O elemento *uso* entra na formação de inúmeros compostos.

48. VADO, -ERE, (VASI). Idéia de 'caminhar', 'avançar'. A raiz pode ser \**WĀDH-*, com uma forma alternante de vogal breve, se se ligar o substantivo *vādum* ao mesmo grupo, como pode ser apenas \**WA-*, alargada pelo sufixo *-de/o-*, o que explicaria a falta de perfeito antigo e a presença do supino *-vasum* apenas nos derivados por prefixação. No seu emprego mais antigo, *vado* traz um certo valor de rapidez e de hostilidade que se conserva nos derivados *evādo* e *invādo*. No português, fornece as formas supletivas de presente do verbo *ir*.

Aparecem no latim clássico os seguintes derivados por prefixação: *circumvādo*, *e-*, *in-*, *per-*, *prae-*, *supervādo*. São muito poucos os derivados em sibilante: *evasio*, *evāsus*, *invāsor*, e mais alguns.

O radical é pouco representado no português. Em dental, pode servir de comparação o verbo *invadir*. Em sibilante existem: *evasão*, *evasiva*, *evasivo*, *invasão*, *invasivo*, *invasor*.

49. VERTO (VORTO), -ERE, VERTI, VERSUM. O sentido próprio e primitivo é o de 'tornar', 'voltar', 'virar'. Daí, o sentido de 'converter', 'mudar em', 'traduzir'. Até Plauto, o uso de *verto* e *vorto* era indiferente. Posteriormente, firma-se a grafia *verto*. Ao que parece, se levarmos em conta as formas do umbro, o presente teria

vocalismo radical /e/ e o perfeito e o particípio passado, /o/. A raiz deve ser indo-européia, \**WER-*, com idéia de 'tornar', 'torcer', acrescida do sufixo *-de/o-*. O verbo *vertere*, no sentido de 'voltar', sofre nas línguas românicas uma efetiva concorrência do verbo *tornāre*. Possui, entretanto, na língua mais erudita um número muito grande de derivados e de compostos.

São derivados por prefixação de uso na língua clássica: *averto*, *ad-*, *ante-*, *circum-*, *con-*, *de-*, *di-*, *e-*, *inter-*, *in-*, *ob-*, *per-*, *prae-*, *pro-*, *retro-*, *re-*, *sub-*, *transverto*.

Estão dicionarizados mais de cem derivados em sibilante de uso regular na época clássica: *versatilis*, *versabilis*, *versāre*, *adversio*, *versūra*, *versus*, etc. Além de *universus* e seus derivados, formados de *unus* e *versus*, por oposição de sentido a *diversus*, funcionando *unus* como se fosse um prefixo, o latim possui numerosos compostos formados do radical *vers-* e outros radicais como *ann-*, *fic-*, *color*, etc: *anniversarius*, *versificāre*, *versicolor*, *tergiversāre*, etc. com seus respectivos derivados.

O português conserva o radical em dental, com verbos na segunda conjugação e na terceira, como *verter*, *advertir*. É grande no português o número de derivados em sibilante: *aversão*, *avesso*, *adverso*, *adversário*, *adversativo*, *adversidade*, *arreesado*, *arreesar*, *através*, *atravessador*, *atravessar*, *controverso*, *controvérsia*, *conversa*, *conversação*, *conversador*, *conversão*, *conversar*, *conversibilidade*, *conversível*, *converso*, *conversor*, *convés*, *diversão*, *diversidade*, *diverso*, *diversionário*, *diversionismo*, *diversionista*, *diversivo*, *diversório*, *eversivo*, *eversor*, *introrso*, *introversão*, *introverso*, *incontroverso*, *inconversível*, *inversa*, *inversão*, *inversionista*, *inverso*, *inversor*, *invés*, *irreversível*, *perversão*, *perversidade*, *perversivo*, *perverso*, *perversor*, *retorso*, *retroversão*, *reversão*, *reversar*, *reversibilidade*, *reversível*, *reverso*, *revés*, *reversar*, *transversal*, *transverso*, *través*, *travessa*, *travessão*, *travessar*, *travesseiro*, *travessia*, *travesso*, *travessura*, *versa*, *versar*, *versado*, *versão*, *versátil*, *versatilidade*, *versal*, *versalete*, *versejador*, *versejadura*, *versejar*, *versículo*, *versista*, *verso*, *versar*, *subversão*, *subversivo*, *subversor*. Como o latim, o português possui inúmeros compostos do radical *vers-*, com prefixos ou sem eles, e de outros radicais, como *universo*, *versicolor*, *versificar*, *diversificar*, *tergiversar*, *aniversário*, etc. e respectivos derivados.

50. VIDEO, -ĒRE, VIDI, VISUM. Tem o sentido de 'ver' e, por extensão, 'olhar', 'ir ver', 'perceber'. A raiz é indo-européia, \*WEID-, que indica a visão como uma tomada geral do conhecimento. O latim especializa o sentido. É por isso que, em muitos empregos, o verbo indica o aspecto indeterminado e opõe-se, neste caso, aos derivados por prefixação de *specio*, que indicam o aspecto determinado. Não se emprega apenas para o sentido da visão, mas metaforicamente para qualquer outro. Nas operações do espírito, esse emprego moral aparece mais claramente nos derivados por prefixação. Na língua religiosa, o *videns* é o 'profeta', o 'vidente'. Na forma passiva, *uideor*, emprega-se, geralmente, com o sentido de 'parecer'.

Há alguns derivados por prefixação de uso clássico: *invideo*, *per-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *subinvideo*. No latim vulgar, o freqüentativo *visāre* deve ter sido de uso corrente, a julgar pelas línguas românicas. No latim clássico, era verbo de terceira conjugação, *viso,-ere*. Teve também boa sorte o verbo *visitāre*, já de uso clássico.

Foram numerosos os derivados com radical em sibilante: *visibilis*, *visibilitas*, *visio*, e muitos outros.

Na sua evolução o verbo *vidēre* perde a dental e chega ao português na forma *ver*, mas aquela dental está presente em palavras como *vidente*, *evidente*. São palavras em sibilante pertencentes ao grupo: *avisar*, *avisado*, *avisador*, *avisamento*, *aviso*, *desavisado*, *desavisamento*, *divisar*, *improvisação*, *improvisador*, *improvisar*, *improviso*, *invisibilidade*, *invisibilizar*, *invisível*, *inviso*, *previsão*, *previsibilidade*, *previsível*, *previso*, *previsor*, *provisão*, *provisionado*, *provisional*, *provisionar*, *provisioneiro*, *provisor*, *provisorado*, *provisória*, *provisório*, *revisão*, *revisar*, *revisonamento*, *revisonista*, *revisitação*, *revisitar*, *revisor*, *revisório*, *visada*, *visado*, *visagem*, *visante*, *visão*, *visar*, *visionar*, *visionário*, *visita*, *visitação*, *visitador*, *visitandina*, *visitante*, *visitar*, *visiteiro*, *visiva*, *visível*, *visivo*, *viso*, *visonha*, *visor*, *visório*, *visual*, *visualidade*, *visualização*, *visualizador*, *visualizar*.

O segundo grupo a ser examinado é formado por verbos com radical em dental assimilada a uma consoante anterior. No por-

tuguês, a redução da geminada a uma só consoante faz com que o nome em sibilante possa ser visto como se essa sibilante fosse somada ao radical primitivo, como em *impelir* / *impulsão*.

1. -CELLO, -ERE, -CELSUM (1). Encerra idéia de 'elevar-se' e provém da raiz indo-européia \**KEL-*. É verbo que só aparece nas formações por prefixação e não tem perfeito. A única forma que aparece normalmente sem prefixo é *celsus*, tomada como adjetivo. A consoante geminada /ll/ indica que a raiz possui um alargamento, que somente pode ser em dental, como se deduz das formas de supino e de particípio passado: *cel-do*. O latim possui, de fato, um grupo de verbos com alargamento em -c-t-, como *flecto*, *necto*, *pecto*, *plecto* e outro com alargamento em -de/o, como *cado*, *tendo*, *frendo*, *-fendo*, *pendo*, *sallo*, *-cello*, *fallo*, *pello*, *vello*. O supino *celsum* explica-se, pois, por \**celd-s-tu-m*. Convém chamar a atenção para o fato de que o /l/ que trava a sílaba ou é seguido de /a/, /o/, /u/ tem, em latim, uma pronúncia; o que inicia a sílaba seguido de /e/ e /i/ ou é o segundo elemento da geminação, outra. O primeiro é velar, o segundo, palatal. No primeiro caso, as vogais breves que o precedem evoluem para /u/. Daí, *impello* / *impulsum*; *salio* / *insultum*. Todavia, temos *excello* / *excelsum*. É que a vogal /e/ precedida de /c/ e /g/ tem um comportamento fonético diferente em virtude de uma pronúncia possivelmente diferente dessas consoantes antes dela, /c'/, /g'/, o que talvez seja um ponto de partida para a palatalização dessas consoantes.

São derivados por prefixação: *excello*, *prae-*, *procello*. Quer pelo sentido, quer pela forma, o verbo *procello* e o nome *procella* tanto poderiam provir do verbo -*cello*, que estamos vendo, como do seu homônimo -*celdo* > -*cello*, da raiz indo-européia \**KAL-d-*, com idéia de 'bater', 'ferir'.

São muito poucos os derivados em sibilante: *celsus*, *excelsus*, etc.

O português tem o verbo *exceler* (p. us.) e nomes como *excelente*. Em sibilante, também poucos: *celsitude*, *celso*, *excelsar*, *excelsitude*, *excelso*.

2. -CELLO, -ERE (2). Provém da raiz indo-européia \**KAL-*, alargada pelo sufixo -*de/o*, e encerra idéia de 'bater', 'ferir'. Possui apenas um derivado por prefixação, *percello*, -*ere*, *perculi*, *perculsum*.

O supino *perculsum* é formado, evidentemente, a partir da forma de vocalismo /a/ da raiz: \**per-cal-d-s-tu-m*, com assibilação e assimilação das dentais e evolução de /a/ para /u/. Na época imperial é atestado um perfeito *perculsi*, analógico de *perculsum*.

O derivado por prefixação já foi indicado. Em sibilante, o adjetivo *perculsus* e o nome de tema em /u/ *perculus*.

O radical é representado no português pelo adjetivo *perculso*.

3. FALLO, -ERE, FEFELLI, FALSUM. Tem o sentido de 'enganar', 'escapar a'. O sentido primitivo deve ser o de 'ocultar, ocultar-se', que aparece em muitos exemplos da época imperial, principalmente nas Metamorfoses de Ovídio. A geminada que aparece no presente e a sibilante /s/ do supino indicam que o verbo *fallo* possui o mesmo sufixo -*de/o-* que aparece em *cello*: *fal-do*. Ao lado o particípio passado *falsus*, -*a,-um*, o baixo latim deve ter empregado o particípio *fallitus,-a,-um*, responsável por formas como *faute* do francês e *falta* do português.

O latim clássico usa o derivado por prefixação *refello* e verbos e nomes em sibilante como *falso,-āre*, *falsus*, *falsātor*, etc.

No português, o radical é pouco produtivo, como ocorreu no latim. O verbo do grupo é *falir*. São palavras em sibilante: *falsa*, *falsador*, *falsar*, *falsário*, *falseamento*, *falsear*, *falsete*, *falsetear*, *falsia*, *falsidade*, *falsidia*, *falso*. O elemento *fals-* entra na composição de muitos vocábulos.

4. PELLO, -ERE, PEPULI, PULSUM. O sentido é o de 'impelir', com idéia acessória de 'bater, sacudir', donde 'expulsar, afastar' e na língua militar, 'pôr em debandada, derrotar'. Emprega-se em sentido próprio e figurado. A raiz é \**PEL-*, alargada pelo sufixo -*de/o-*, com assimilação do /d/ ao /l/. A presença da dental é comprovada pela formação do supino: \**pel-d-s-tu-m* > \**pel-sum* > *pulsum*. A evolução de /e/ para /u/ é normal como já foi visto: quando a lateral /l/ trava a sílaba, sua prolação latina é velar e a vogal breve que a precede pode evoluir para /u/. A raiz, sem alargamento de presente, deve ter formado um adjetivo em -*to-*, \**peltos* > \**pultus*, donde provém o verbo *pultāre*, que aparece em Plauto e em Terêncio. Esse verbo foi suplantado pelo freqüentativo *pulsāre*. Mas na língua clássica, *pellō* é que é o verbo

*vulsura*, etc.

Podemos citar, no português, o verbo *convelir* como termo de comparação com o radical em sibilante: *avulsão*, *avulso*, *convulsão*, *convulsar*, *convulsibilidade*, *convulsionar*, *convulsionário*, *convulsivo*, *convulso*, *divulsão*, *evulsão*, *evulsivo*, *revulsão*, *revulsar*, *revulsivo*, *revulsor*, *revulsório*.

Alguns poucos verbos latinos em dental deixaram de ser estudados porque não possuem, no português, correspondentes em sibilante. São eles: *fido*, *prandeo*, *nitor*, *odi*, *ordior*, *pecto*.

Os verbos vistos a seguir, e que formam o terceiro grupo, não têm radical em dental. Todavia, como já foi dito, apresentam também a oposição de uma sibilante presente nos nomes e verbos derivados a uma outra consoante, nos verbos primitivos. Neste grupo não faremos, para o português, uma lista exaustiva dos termos em sibilante.

1. CURRO, -ERE, CUCURRI, CURSUM. Pertence à raiz indo-européia \**Kur-*, com idéia de 'correr'. A sibilante /s/ que aparece no supino não se explica foneticamente. Provavelmente seja o resultado da analogia com o perfeito de verbos do tipo *pepuli* / *pulsum*. Convém registrar que o verbo latino não era um todo indistinto, mas funcionava como um conjunto de temas claramente sentidos como tais: o do presente, o do perfeito e o do nome verbal. É natural, pois, que entre o perfeito e o supino pudesse haver uma interferência constante.

Ao lado de *currere*, o latim empregou largamente o freqüentativo *cursāre* e ambos formaram muitos derivados por prefixação. Os de *cursare* empregam-se mais freqüentemente com valor

de uso corrente. A raiz *pel-* teria o mesmo comportamento da raiz *ten-*, que formou o verbo *teneo* com o particípio *tentus* e o verbo *tendo* com o particípio *tensus*. Ao lado de *pello,-ere*, o latim formou o verbo durativo *\*pello,-āre* que só aparece com prefixos: *appello,-āre*, *compello,-āre*, *interpello,-āre*. Essa formação é comum. Ao lado de *dīco,-ere*, *dūco,-ere*, *capio,-ere*, o latim possui os durativos *indīco,-āre*, *edūco,-āre*, *occūpo,-are*. Note-se ainda que, na especialização de sentido, as raízes *\*DEIK* e *\*DEUK-* apresentam um vocalismo de grau pleno e outro de grau reduzido.

Derivados latinos por prefixação: *appello,-ere*, *com-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *im-*, *per-*, *pro-*, *repello*.

Os derivados em sibilante são muitos: *pulso,-āre*, *pulsātor*, *pulsus*, etc.

O português tem verbos como *impelir*, *repelir*, sem falar nos verbos de tema em /a/, e muitos vocábulos em sibilante: *apulso*, *compulsão*, *compulsador*, *compulsão*, *compulsar*, *compulsável*, *compulsivo*, *compulso*, *compulsória*, *compulsório*, *expulsamento*, *expulsão*, *expulsar*, *expulsivo*, *expulso*, *expulsor*, *expulsório*, *impulsão*, *impulsar*, *impulsador*, *impulsional*, *impulsão*, *impulsante*, *impulsar*, *impulsivar*, *impulsividade*, *impulsivismo*, *impulsivo*, *impulso*, *impulsor*, *propulsa*, *propulsante*, *propulsão*, *propulsar*, *propulsador*, *propulsar*, *propulsivo*, *propulsor*, *pulsão*, *pulsar*, *pulsátil*, *pulsativo*, *pulsar*, *pulseira*, *pulso*. O elemento *puls-* entra na composição de várias palavras.

5. SALLO, -ERE e SALLIO, -IRE. O sentido é o de 'salgar'. É formado do radical *sal-* com sufixo *-de/o-*. Não é documentado o

moral; os de *cursāre*, concreto. São derivados latinos de *currere*: *accurro*, *circum-*, *con-*, *de-*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *per-*, *prae-*, *pro-*, *re-*, *suc-*, *transcurro*; e de *cursāre*: *concurso*, *dis-*, *ex-*, *in-*, *inter-*, *oc-*, *per-*, *pro-*, *recurso*.

O verbo primitivo e seus derivados fornecem nomes derivados em sibilante dos tipos já estudados: *cursio*, *concurso*, *cursor*, *concurso*, etc.

O português conserva a mesma formação. Possui os dois verbos latinos nas formas *correr* e *cursar*, com verbos derivados por prefixação de ambos e inúmeros derivados verbais e nominais em sibilante: *curso*, *concurso*, *recurso*, *excursão*, *excursionar*, etc.

2. FIGO, -ERE, FIXI, FIXUM (FICTUM). Tem a idéia de 'cravar', 'espetar', 'fixar'. O supino e o particípio passado também aparecem sob as formas regulares *fictum* e *fictus*, com ensurdecimento da sonora /g/. A analogia com o perfeito *fixi* (< *fig-s-i*) é que acarreta o aparecimento das formas *fixum* e *fixus*, que acabam por suplantar as anteriores. De *fixum* desenvolve-se o freqüentativo *fixāre* e a partir deste, os derivados por prefixação.

São derivados latinos de *figo*, por prefixação: *configo*, *in-*, *per-*, *prae-*, *re-*, *suf-*, *transfigo*. Os derivados latinos em sibilante (c-s / x) são geralmente tardios: *fixio*, *fixūra*, *confixilis*, etc.

O português não conservou o radical primário, mas o seu derivado freqüentativo do latim vulgar *fictāre* (< *fig-t-ā-re*) veio à nossa língua na forma *fixar* 'fixar a vista em'. Os derivados em sibilante, com o grupo /cs/ grafado /x/, são numerosos: *fixo*, *afixar*, *afixação*, etc.

3. HAEREO, -ĒRE, HAESI, HAESUM. A idéia é a de 'estar unido a', 'aderir' e daí 'estar parado', 'não avançar'. A raiz pode ser indo-européia, *\*GHAIS-*, mas a conservação do ditongo pode levar a pensar em palavra popular. O /r/ do tema do presente provém da evolução do /s/ por rotacismo. O perfeito é sigmático, *haes-si*. A geminada reduz-se porque está precedida de ditongo. O supino *haesum* é análogo do perfeito. Sua formação normal seria *haestum* (< *haes-tu-m*), como *gestum* (< *ges-tu-m*). Formas portuguesas como *aderir* / *adesão* ficam, pois, aplicadas



O latim clássico atesta, formados por prefixação, apenas: *adhaereo*, *cohaereo*, *inhaereo*. Possui palavras em sibilante: *haesito*, *-āre*, *adhaesio*, etc.

O português conservou o mesmo processo latino. O verbo *aderir* pode servir de termo de comparação para vocábulos como *adesão*, *hesitar*, etc.

4. MERGO, -ERE, MERSI, MERSUM. Tem o sentido de 'mergulhar'. É empregado quer no sentido próprio e figurado, quer no sentido físico e moral. Daí, 'esconder', 'ocultar'. A raiz é indo-européia, \*MEZG-. O prefixo *mersi* provém de \**mercsi*, com ensurdecimento da velar e o supino arcaico *mertum*, de \**merctum*. Foneticamente, uma consoante velar, precedida de /r/, /l/ e seguida de /m/, /n/, /t/ ou /s/, normalmente cai por síncope: *mergsi* > *mercsi* > *mersi*. A presença das três consoantes é reconstituição erudita ou fruto da analogia. Um nominativo *merx*, por *mers*, proveniente de *mercs*, só se explica por introdução analógica do /c/ dos casos oblíquos no nominativo. O supino arcaico *mertum* é responsável pelo verbo freqüentativo *mertāre*, arcaico, atestado em escritores antigos e suplantado pelo clássico *merso*, *-āre*. O supino *mersum* é mais recente e analógico do perfeito *mersi*.

*Mergo* produz derivados por prefixação de uso corrente no latim clássico: *demergo*, *e-*, *in-*, *prae-*, *submergo*. Em sibilante há verbos e nomes: *merso*, *-āre*, *submerso*, *-āre*, *immersio*, *mersus*, etc.

O português conserva os radicais em /g/ e em sibilante: *imergir*, *submergir* ao lado de *imersão*, *submersão*, *emerso*, etc.

5. PREMO, -ERE, PRESSI, PRESSUM. Tem o sentido de 'apertar', 'estretar', 'prensar', e daí, 'esconder, ocultar'. A raiz deve ser \**pr-*, com alargamento *-em* no presente, de valor durativo, e alargamento *-et* ou *-es* no perfeito. Este é sigmático e a geminada /ss/ mantém-se porque a vogal que a precede é breve, como se pode ver em *opprīmo*. A vogal /e/, embora breve, conserva-se no perfeito e no supino dos derivados por prefixação porque a sílaba é travada: *opprimo* / *oppressum*. O latim clássico conheceu o verbo *pressāre*, freqüentativo de *premo*, muitas vezes confundido com o verbo *prensāre* (< *prehensāre*). E essa confusão não é estranha ao português, pois o /n/ que está em *prensa* e *imprensa* não parece

poder ter outra explicação senão a da analogia com o grupo do verbo *prender* (< *prehendere*). O supino *pressum* é análogo de *pressi*.

São derivados por prefixação empregados na época clássica: *apprimo*, *com-*, *de-*, *ex-*, *im-*, *op-*, *per-*, *re-*, *supprimo*. Os derivados em sibilante são razoavelmente numerosos: *presso*, *-ãre*, *pressor*, *compressio*, etc.

O português conserva o radical em /m/ em verbos como *premer*, *oprimir*, e o radical em sibilante em verbos e nomes como *expressar*, *compressor*, *prensa*, *expressivo*, etc.

6. SPARGO, -ERE, SPARSI, SPARSUM. O sentido é o de 'espalhar', 'dispersar', 'disseminar'. A raiz é indo-européia, possivelmente \**SPHER-*, com alargamento em velar. O vocalismo radical /a/ pode ser justificado pelo uso antigo e popular da palavra. O perfeito *sparsi* explica-se, porque a velar é precedida de /r/, como foi visto em *mergo*. O supino *sparsum* é análogo de *sparsi*.

São derivados por prefixação usados no latim clássico: *aspergo*, *con-* *im-*, *respergo*. Os derivados em sibilante não são muitos: *sparsilis*, *sparsio*, *consperio*, etc.

O português conserva o radical em /g/, como em *aspergir*, *espargir* e em sibilante, como *aspersão*, *disperso*, *esparso*, etc. A vogal radical /a/ conserva-se em *espargir*, *esparso*. É que o /e/ inicial é protético, não se tratando, pois, de um prefixo latino como em *aspergir*, proveniente do verbo *aspergere*, formado de *ad* + *spargere*.

7. TERGEO, -ĒRE, TERSI, TERSUM. O sentido é o de 'enxugar' e daí, 'esfregar', 'limpar'. No período imperial, comumente aparecem formas de terceira conjugação e esta é que devia prevalecer na língua oral. Se o português tem *absterger*, que pode continuar o tema longo latino, tem também *detergir*, que deve ser a evolução do infinitivo com /e/ breve. O perfeito *tersi* tem a mesma formação do perfeito de *mergo*, já estudado, e o supino *tersum* é análogo de *tersi*.

O latim clássico conheceu poucos derivados por prefixação de *tergeo*: *abstergeo*, *de-*, *ex-*, *pertergeo*. Poucos são também os derivados em sibilante: *tersor*, *detersio*, etc.

O português conserva a velar em verbos como *absterger*, *detergir* e nomes derivados e a sibilante em: *abstersão*, *abstersivo*, *absterso*, *detersão*, *detersivo*, *detersório*, *terso*.

Aí estão, numa visão de conjunto, os radicais verbais latinos em consoante e, por excelência, em dental, que correspondem a derivados por sufixação em sibilante no português. Repetimos que o nosso interesse foi mostrar, em conjunto, a relação *dental* / *sibilante*, não importando que a palavra tenha percorrido outros caminhos até chegar à nossa língua.

### BIBLIOGRAFIA

- MAROUZEAU, J. *Quelques aspects de la formation du latin littéraire*. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1949.
- MEILLET A. et VANDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1953.
- NIEDERMANN, M. *Phonétique historique du latin*. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Editorial Gredos, Madrid, 1954.
- DAUZAT, Albert et alii. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Librairie Larousse, Paris, 1968.
- ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1939.
- FERREIRA, A. B. de Holanda e PEREIRA, M. da Cunha. *Novo vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Edições O Cruzeiro, Rio, 1961.
- MIRADOR INTERNACIONAL — ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1976.
- GAFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Librairie Hachette, Paris, 1934.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª edição. Editorial Confluência, s/d.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Acadêmica, Rio, 1955.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio, 1982.
- FERREIRA, A. B. de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio.
- d'HAUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Librairie Larousse, Paris, 1948.